

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES

MARIA LETÍCIA VENÂNCIO RESENDE

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO CORPO E VOZ FEMININOS E SUA
DESCONSTRUÇÃO NO EXERCÍCIO CÊNICO

Uberlândia/MG
2021

MARIA LETÍCIA VENÂNCIO RESENDE

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO CORPO E VOZ FEMININOS E SUA
DESCONSTRUÇÃO NO EXERCÍCIO CÊNICO

Monografia apresentada como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciada em Teatro, pela
Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de
Teatro, do Instituto de Artes (IARTE), Campus de
Uberlândia/MG. Orientador: Prof. Dr. Fernando Manoel
Aleixo.

Uberlândia/MG

2021

MARIA LETÍCIA VENÂNCIO RESENDE

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO CORPO E VOZ FEMININOS E SUA DESCONSTRUÇÃO
NO EXERCÍCIO CÊNICO

Monografia aprovada para a obtenção do título de Licenciada na graduação em Teatro da Universidade Federal de Uberlândia (MG) pela banca examinadora formada por:

Uberlândia, 5 de novembro de 2021.

Prof. Dr. Fernando Manoel Aleixo

Prof.^a Dr.^a Daiane Dordete Steckert Jacobs

Prof.^a Dr.^a Mara Lúcia Leal

Aos meus pais, a quem devo o mundo e agradeço por todoo apoio durante a minha graduação.

Às minhas terapeutas, Adriana e Carolina, a quem devoparte do meu novo olhar para o mundo.

Aos/às artistas e professoras/professores de Teatro da UFU, que meensinam muito sobre a alegria de habitar um corpo.

“A Igreja diz: *O corpo é uma culpa.*
A ciência diz: *O corpo é uma máquina.*
A publicidade diz: *O corpo é um
negócio.* O corpo diz: *Eu sou
uma festa.*”(GALEANO, 1993,
p. 138).

RESUMO

Sabe-se que o gênero que nos foi imposto de acordo com nosso sexo biológico dita muitos dos caminhos que optamos consciente ou inconscientemente por seguir na vida, como por exemplo: profissões, formas de se relacionar, de se vestir, de se expressar e até de pensar e sentir. E é por isso que visio, com meu trabalho, manter vivo o seguinte questionamento: “Quando sou apenas mulher/homem e quando um indivíduo autêntico de ideias livres?” Levantar reflexões acerca das ficções e opressões de gênero enraizadas na história da humanidade, sensibilizar as/os leitoras/leitores tratando de “pequenas” violências que são o cerne dos inúmeros tipos de abusos que atentam contra a vida da mulher e fazer com que meus estudos da construção social do corpo e voz femininos encorajem o maior número possível de mulheres que se identificarem com meu trabalho é meu objetivo. Ademais, a voz e as corporeidades individuais são a representação mais absoluta do desejo de estar vivo, de manifestar as próprias vontades, de se colocar no mundo, e, arrisco dizer, do que é ser mulher ou homem na nossa sociedade – sexista –, e são moldadas a partir do momento em que nosso sexo é identificado no útero. Assim, busquei trabalhar esses conceitos vinculando-os a textos de autoras feministas conhecidas para a revisão de literatura, obtive relatos de outras atrizes em relação às suas particularidades corpóreo-vocais, criei um questionário sobre a relação das mulheres com suas vozes, e, em seguida, tratei de minha própria experiência nesse âmbito, transcrevendo fragmentos de meu diário pessoal que julguei interessantes para a elaboração desta monografia.

Palavras-chave: Corpo. Voz. Sexismos.

RESUMÉN

Se sabe que el género que nos imponen según nuestro sexo biológico dicta muchos de los caminos que, consciente o inconscientemente, elegimos seguir en la vida, tales como: profesiones, formas de relacionarnos, vestirnos, expresarnos e incluso de pensar y sentir. Y es por eso que apunto, con mi trabajo, a mantener viva la siguiente pregunta: "¿Cuándo soy solo una mujer y cuando soy un individuo auténtico con ideas libres?" Plantear reflexiones sobre las ficciones y opresiones de género arraigadas en la historia de la humanidad, sensibilizar a las/los lectores/lectoras sobre la violencia "pequeña" que está en el corazón de los innumerables tipos de abuso que amenazan la vida de las mujeres y hacer que mis estudios sobre la construcción social del cuerpo y la voz femeninos animen al mayor número posible de mujeres a identificarse con mi trabajo es mi objetivo. Además, la voz y la corporalidad individuales son la representación más absoluta del deseo de estar vivo, de expresar la propia voluntad, de situarse en el mundo y, me atrevería a decir, de lo que significa ser mujer en la sociedad - sexista -, y se configuran desde el momento en que nuestro sexo se identifica en el útero. Así, busqué trabajar estos conceptos vinculándolos a textos de varias reconocidas autoras feministas para revisión de literatura, obtuve reportes de otras mujeres actrices en relación a sus particularidades cuerpo-vocales, creé un cuestionario sobre la relación de las mujeres con sus voces, y luego me ocupé de mi propia experiencia en este ámbito, transcribiendo fragmentos de mi diario personal que me parecieron interesantes para la elaboración de este monográfico.

Palabras-clave: Cuerpo. Voz. Sexismos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2.GÊNERO E SEXO: DEFINIÇÕES, DIFERENÇAS, IMPOSIÇÕES E PROBLEMATIZAÇÕES	11
2.1 A cultura de imposição da beleza como um dos pré-requisitos para a feminilidade segundo “O Mito da Beleza”, de Naomi Wolf	13
2.2 O questionário sobre a relação das mulheres com suas vozes	15
2.3 Os gráficos de respostas do questionário sobre a voz feminina.....	16
2.4 Análise e problematização do formulário a partir de “O feminismo é para todo mundo”, de bell hooks	20
3.DAS EXPERIÊNCIAS E IMPRESSÕES DE TRÊS MULHERES ATRIZES EM RELAÇÃO A SEUS CORPOS, VOZES, ARTES, SEXUALIDADES E QUESTÕES DE GÊNERO	21
3.1 “Na sua infância, o que te diferenciava dos meninos? E atualmente?”	22
3.2 “Para você, o que te define como mulher?”	23
3.3 “O que mais te faz se sentir mulher?”	23
3.4 “Conte um pouco da sua trajetória enquanto mulher e atriz. Você já sofreu alguma violência por ser mulher nesse meio? Se sim, qual?”	24
3.5 “No teatro, você já se sentiu assediada ou menosprezada de alguma forma?”	26
3.6 “O teatro te ajudou/ajuda a desconstruir preconceitos de gênero? Como?”	27
3.7 “Conte um pouco da sua trajetória enquanto mulher e atriz.”	28
3.8 “Você é religiosa? Como os ensinamentos religiosos se imprimem no seu corpo?”	29
3.9 “Vocês são mulheres que se relacionam com outras mulheres. Isso já te fez ser vista como alguém desconectada do próprio gênero e da sua feminilidade?”	30
3.10 “Como você foi ensinada a se comportar, a se vestir, e a se relacionar com seu corpo e sexualidade?”	32
3.11 Conclusões e as perguntas respondidas por mim mesma, Letícia.....	33
4. UMA BREVE AUTOBIOGRAFIA – MINHA FAMÍLIA E INFÂNCIA	39
4.1 Minha origem e criação em campina verde	40
4.2 O amor romântico e eu	41
4.3 A odisseia menstrual dos meus 10 anos de idade em diante	43
4.4 Adolescência, corpo e sexualidade	45
4.5 O corpo é uma festa	47
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

1. INTRODUÇÃO

O tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso foi escolhido a partir de minhas vivências como mulher dentro e fora do Teatro. De toda a minha experiência com essa arte, o que mais me tocou foi o processo de tomada de consciência da minha voz que exerce forte e direta influência na minha relação com o mundo, a cultura, a moral, a ética e a estética. É fato que a construção da minha identidade vocal (características, padrões, movimentos, linguagens) se deu em contextos diversos, contendo visões restritas acerca da sexualidade, das relações de gênero e de modos de expressividade e conduta atribuídas às mulheres.

Ao “enxergar” minha voz, adquiri um outro olhar para o meu corpo e para a minha história. E pude concluir que todos temos o dever moral de, enquanto seres pertencentes a uma sociedade machista e misógina, combater toda e qualquer discriminação de gênero presente nos meios social, acadêmico e familiar, além de buscarmos em nós mesmas/mesmos, desconstruir a presença dos conceitos de que a mulher é, por natureza, pura, submissa e delicada, e que isso deve obrigatoriamente, se expandir para as manifestações físicas de seu íntimo: o corpo e a voz.

O corpo feminino: passível do julgamento patriarcalista, objeto de uso sexual, uma expressão de censura, proibido de amamentar em público, privado do prazer em muitas culturas, santo ou profano, desejável ou indesejável, à espera de melhorias estéticas, a carne frágil; a voz feminina: enjoativa, estridente, pueril, escrachada, a manifestação das milhares de proibições, censuras, vergonhas e culpas, que vêm disfarçadas de doçura e meiguice.

Na canção “Falo”¹, da banda de formação goiana, *Carne Doce*, a temática da voz é muitobem ilustrada:

Já tá cansado da minha voz, porque
 O tempo todo um timbre feminino é
 Pra maioria algo enjoativo.
 Que tal se agora entrasse um homem aqui?Pra gente dar aquela variada.
 Não é um gosto pessoal,
 Às vezes é o que pede o som,
 E eu ‘inda’ posso ser a backing vocal,E posso pagar pau,
 Enquanto você me diz pra me inspirarNos Mutantes e na Rita Lee.
 (Carne Doce, 2016)

Ao longo da letra, a cantora Salma Jô trata das frustrações que passa por estar inserida no meio musical, e que suas contestações em torno disso só a levam a ser taxada como neurótica,

¹ A canção está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=V36L7Yenc9w>

histórica, ou como alguém que deve estar “naqueles dias”. Ela ainda canta que suas falas mais comuns deveriam ser “obrigada”, “com licença”, “me desculpa”: palavras bem-vistas, e ensinadas nas regras de etiqueta, e, por isso mesmo, condizentes com o comportamento esperado das boas moças. (Carne Doce, 2016)

E quantas de nós não tivemos nossas queixas censuradas pelo patriarcado? Ou fomos ensinadas a falar “baixinho” e a não usar palavrão ou gíria? Que mulher tem que falar pouco e ter um vocabulário limitado a palavras afetuosas e educadas? Ações como essas levam ao nosso silenciamento e a formas de violência pouco comentadas: a formação de calos ou nódulos nas cordas vocais, sendo estes, frutos do uso inapropriado da voz, seja por nos forçarmos a falar em tonalidade mais aguda ou grave, ou por nos forçarmos a ter uma voz mais firme ou suave do que realmente temos. Muitas vezes, esse esforço acontece para nos fazermos ouvidas, levadas a sério e, com sorte, não sermos interrompidas durante as nossas falas.

Com isso, não quero dizer que o sofrimento e o esforço da adequação aos padrões de gênero do patriarcado são exclusivos das mulheres. Pelo contrário, os homens também são pressionados para cumprir às rígidas expectativas sociais de seu gênero para serem aceitos na sociedade. Há imposições muito características e conhecidas da representação da masculinidade hegemônica e seus estereótipos na atmosfera social. A luta contra o machismo também é sobre eles – e por eles. Porém, como mulher, escolhi falar da realidade que eu conheço melhor, pois a vivo na pele, desde que meus pais descobriram que eu viria ao mundo.

Das nossas mais antigas ancestrais às novas gerações; das mais icônicas mulheres da História, da Arte e das Ciências, às simples donas de casa das periferias brasileiras: a maioria de nós já experimentou alguma vez o pavor do assédio, o medo de andar nas ruas sozinhas, a pressão social por um matrimônio. É certo que essas agressões diárias nos constroem física e psicologicamente, do coração à voz e da mente ao corpo, assim como que o Teatro pode ser um potente espaço de desconstrução desse lugar-comum nocivo à figura em que nós mulheres estamos inseridas culturalmente. Afinal, se “cultura” é tudo aquilo que advém da criação humana, esta pode se transformar num instrumento gerador de um mundo com mais igualdade, equidade, justiça e harmonia para todos os gêneros, e em especial, aqui, para as mulheres.

2. GÊNERO E SEXO: DEFINIÇÕES, DIFERENÇAS, IMPOSIÇÕES E PROBLEMATIZAÇÕES

Antes de falar do que significa “ser mulher” culturalmente, é preciso primeiro explicar as noções de gênero construídas social e culturalmente ao longo da história da civilização.

Segundo Judith Butler, o gênero, em sua construção hegemônica, é pré-determinado pelo sexo biológico, é por ele restrito e dita o destino do sujeito, embora tenha uma interpretação múltipla do sexo. (BUTLER, 2003).

A sociedade, bem como cada aspecto que a compõe, tem em seu âmago fundamentos essencialmente binários, patriarcalistas, sexistas e falocêntricos de gêneros. Como as construções culturais de gênero surgiram a partir das concepções preconceituosas de que o sexo biológico seria um agente determinante da vida de um indivíduo, veio o entendimento de que o homem seria o sexo primário (aquele criado por Deus à Sua imagem e semelhança), e a mulher, o segundo sexo, conforme definiria a célebre filósofa e ativista francesa Simone de Beauvoir.

Das ideologias instituídas pelo capital, pelo Estado e pela Igreja de que as mulheres são destinadas por Deus e pela biologia aos trabalhos domésticos, como cozinhar, arrumar a casa, cuidar dos filhos e educá-los; e de que cabe, somente ao homem, ocupar lugares de prestígio na sociedade (o trabalho remunerado, a política e a intelectualidade, por exemplo), estabelecia-se a ideia de que a mulher é naturalmente frágil, sensível e com qualidades maternais. O homem, por sua vez, seria em sua natureza o provedor do sustento, o mais forte, e o mais capacitado a integrar as esferas políticas e sociais.

Para a filósofa estadunidense, Judith Butler:

A ‘nomeação’ do sexo é um ato de dominação e coerção, um ato performativo institucionalizado que cria e legisla a realidade social pela exigência de uma construção discursiva/perceptiva dos corpos, segundo os princípios da diferença sexual. Assim, conclui Wittig, ‘somos obrigados, em nossos corpos e em nossas mentes, a corresponder, traço por traço, à ideia de natureza que foi estabelecida por nós... ‘homens’ e ‘mulheres’ são categorias políticas, e não fatos naturais’ (Butler, 2003, p. 168).

Logo, do machismo política e culturalmente institucionalizado em nossa sociedade, emergiam as ideias de performance física e vocal dos gêneros. Nesse contexto, crê-se que homens são, por regra, mais fortes, musculosos, altos, cobertos de pelos, com pouca ou nenhuma preocupação com a aparência, enquanto as mulheres devem ser miúdas, magras, cheias de curvas, e sempre com os cabelos, roupas, peles e unhas impecáveis. Então, se a mulher é mais frágil, sua voz deve ser baixa ou fraca em intensidade e de tonalidade aguda (representando submissão e docilidade). E se o homem é a “personificação da força”, sua voz deve ser mais alta ou forte em intensidade e de tonalidade mais grave que a das mulheres (expressando dominação e virilidade). Com isso, é importante ressaltar que tudo que foge a essas normas é considerado antinatural, imoral, e até obsceno.

Assim, o homem sensível e a mulher que se impõe sofrem coerção social, um termo empregado pela Sociologia para explicar a pressão que a sociedade exerce sobre um sujeito por meio de regras simbólicas e não necessariamente existentes em forma de documentos legais. Segundo o Professor Cristiano Bodart, a coerção social efetiva é tão internalizada pelo indivíduo a ponto dele achar que faz determinadas coisas por livre e espontânea vontade. (BODART, 2013).

Para tanto, confirmam-se as ideias expostas no artigo “Corpo Vocal, Gênero e Performance”, de Daiane Dordete Steckert Jacobs:

Butler (2003) afirma ainda que a ideia de gênero só é possível através da repetição dos atos de gênero, requerendo para tal uma performance repetida e naturalizada, que identifique o gênero: “Os vários atos de gênero criam a ideia de gênero, e sem esses atos, não haveria gênero algum, pois não há nenhuma ‘essência’ que o gênero expresse ou exteriorize [...] porque o gênero não é um dado da realidade.” (JACOBS, 2017).

Assim, as próprias noções de gênero se contradizem, pois se são desconectadas da realidade, é possível que qualquer indivíduo se manifeste de acordo com qualquer gênero, e não há porque pensar que existam apenas dois gêneros, e nem mesmo somente dois sexos. Segundo Monique Wittig, se as crenças de sexo binário fossem derrubadas, existiriam tantos sexos e gêneros quanto existem indivíduos, posto que cada ser humano resignificaria sexo e gênero à sua própria maneira, a ponto de que se tornassem algo radicalmente particular e característico de cada um/uma e a generalização para descrevê-los seria inútil. (BUTLER, 1990).

Além disso, para ela:

(...) Há o problema político que o feminismo encontra na suposição de que o termo *mulheres* denote uma identidade comum. Ao invés de um significante estável a comandar o consentimento daquelas a quem pretende descrever e representar, *mulheres* – mesmo no plural - tornou-se um termo problemático, um ponto de contestação, uma causa de ansiedade. Como sugere o título de Denise Riley, *Am I That Name?* [Sou eu este nome?], trata-se de uma pergunta gerada pela possibilidade mesma dos múltiplos significados do nome. Se alguém é uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 1990, p. 21).

Ela considera que mulher é apenas uma das características que um sujeito pode ou não possuir, e que se a figura feminina do século XIX diverge da atual, logo haveria um modelo de sê-lo errado entre ambos. A mulher e a feminilidade, conforme a época, a região, a religiosidade e a cultura em que estão inseridas, seriam entendimentos relacionais e variáveis. Por isso gênero e sexo são ideias tão abstratas e frágeis em suas justificativas.

Enquanto a filósofa francesa Simone de Beauvoir (2008, pg. 11) afirma que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, a escritora bell hooks² vai além ao dizer que não se nasce feminista, que o feminismo é aderido por escolha e ação, e não necessariamente por se ter nascido do sexo feminino (HOOKS, 2018). Ou seja, enquanto ser mulher está pautado em um código de saberes que nos são firmados pela sociedade ao longo de nossas vidas, o feminismo é a ruptura dessas crenças e é uma decisão que cada mulher e homem pode tomar ou não para si.

2.1 A cultura de imposição da beleza como um dos pré-requisitos para a feminilidade segundo “O Mito da Beleza”, de Naomi Wolf

Há comportamentos e aparências mais esperados que outros quando se é mulher. Culturalmente, a beleza é uma qualidade imprescindível para a ascensão social feminina. Segundo Naomi Wolf, enquanto as mulheres almejam encarnar a beleza, os homens querem possuir as mulheres que a têm. Essa beleza – padronizada e única – seria um medidor do sucesso de fertilidade e reprodução fêmeas, pois os homens fortes lutam para conquistar as mulheres bonitas (WOLF, 2018, p. 29).

E a mídia nos afirma isso o tempo todo. Angariamos o direito ao voto, aos anticoncepcionais, leis como a Maria da Penha (Lei N° 11.340), mas o medo de envelhecer e de deixarmos de ser atraentes ainda nos persegue. Wolf diz que o medo da velhice não está ligado apenas a questões estéticas:

As qualidades que um determinado período considera belas nas mulheres são apenas símbolos do comportamento feminino que aquele período julga ser desejável. *O mito da beleza de fato sempre determina o comportamento, não a aparência.* A competição entre as mulheres foi incorporada ao mito para promover a divisão entre elas. A juventude e (até recentemente) a virgindade são belas nas

² O nome da escritora é escrito em letras minúsculas, pois para ela, nada tem mais importância do que as ideias e o conhecimento: “o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu”. Por isso, bell hooks escreve seu nome desta forma: somente com letras minúsculas”. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-pedagogia-negra-e-feminista-de-bell-hooks/>

mulheres por representarem a ignorância sexual e a falta de experiência. O envelhecimento na mulher é “feio” porque as mulheres, com o passar do tempo, adquirem poder e porque os elos entre as gerações de mulheres devem sempre ser rompidos. As mulheres mais velhas temem as jovens, as jovens temem as velhas, e o mito da beleza mutila o curso da vida de todas. E o que é mais instigante, nossa identidade deve ter como base nossa beleza, de tal forma que permaneçamos vulneráveis à aprovação externa, trazendo nossa autoestima, esse órgão sensível e vital, exposto a todos. (WOLF, 1990, p. 31).

Assim, o chamado “mito da beleza” se sustentaria pela desunião entre as mulheres, alimentando-se de rivalidade e competição, o que descartaria a possibilidade de sentimentos fraternos, compassivos e de sororidade de umas para as outras, e a velhice seria motivo de marginalização social para as mulheres, pois com a idade se acumula experiência e conhecimento: qualidades pouco atrativas àqueles/àquelas que simpatizam com a dominação masculina, já que representam a perda da inocência e da docilidade.

Wolf diz ainda que as boas histórias acontecem a mulheres que são dotadas de beleza, sejam elas interessantes ou não, o que é ensinado às meninas desde cedo (WOLF, 2018, p. 96). Princesas magras da Disney, com penteados impecáveis e vestidos luxuosos são desejadas até quando estão inconscientes nos contos de fadas: Cinderela, A Bela Adormecida e Branca de Neve são exemplos disso. Entretanto, seja nas histórias infantis, em clássicas obras literárias ou em grandes produções cinematográficas e teatrais, só é possível haver beleza sem inteligência ou inteligência sem beleza para que as mulheres se encaixem no mito (WOLF, 2018).

É permitido às mulheres uma mente ou um corpo, mas não os dois ao mesmo tempo. Uma alegoria comum que ensina esse fato às mulheres é a ligação entre uma feia e uma bonita: Lia e Raquel no Antigo Testamento, Maria e Marta no Novo Testamento; Helena e Hérnia em *Sonho de uma Noite de Verão*; Anya e Dunyasha em *O Jardim das Cerejeiras* de Tchecov; Violeta e Dulçura Suíno em *Família Buscapé*; Glinda e a Bruxa Má do Oeste em *O Mágico de Oz*; Veronica e Ethel em *Riverdale*; Ginger e Mary Ann em *A Ilha dos Birutas*; Janet e Chrissie em *Um é pouco, dois é bom, três é demais*; Mary e Rhonda em *The Mary Tyler Moore Show*; e assim por diante. (WOLF, 2018, p. 94).

São inúmeras as referências que apresentam esse contraste. E em todos esses textos, o sucesso e o fracasso das personagens femininas é medido pela beleza, assim como em telenovelas e filmes em que a protagonista é vista como bonita a partir do momento em que passa por uma grande transformação visual: *Betty*, *A Feia*, *A Feia mais Bela*, *Ela é Demais*, *O Espelho tem Duas Faces...* E à medida que essas mulheres tiram o aparelho ortodôntico, trocam os óculos por lentes de contato, e passam a usar roupas mais justas, elas adquirem respeito no trabalho ou na escola, atenção masculina, melhorias em suas vidas sociais e a

promessa de felicidade eterna.

Um reflexo da frase “A vida imita a arte” neste contexto são as pesquisas de um economista que diz que se você é mulher, existe 60% de chance de ter que lidar com a pobreza na velhice. O auge das nossas possibilidades está na juventude, enquanto os homens adquirem poder e estabilidade financeira conforme envelhecem (WOLF, 2018, p. 70).

2.2 O questionário sobre a relação das mulheres com suas vozes

Em parceria com meu orientador, Fernando Manoel Aleixo, criei um formulário na plataforma *Forms Office* sobre a relação das mulheres com suas vozes. Ao todo, 50 professoras, artistas, empreendedoras, administradoras, graduandas do curso de Teatro ou de Psicologia o responderam. Solteiras, casadas, em um relacionamento, brancas, pretas, pardas, do Nordeste, Sul ou Sudeste do país, enfim, diversas, apresentaram pontos de vista interessantes como forma de complementar a minha pesquisa por meio de dados estatísticos.

Enviei o formulário aos grupos de Psicologia, Teatro, e disciplina de Voz, Gênero e Performance dos quais faço parte, além de grupos de família e amigos do *WhatsApp*, deixando claro que a finalidade única dessas respostas é para a elaboração deste trabalho e que todas as participantes permaneceriam anônimas.

Na questão “Escreva livremente sobre como você define sua voz e fala”, várias mulheres relataram ter algum tipo de insatisfação: a voz muito “fina”, “de criança”, “baixinha” a ponto de prejudicar a comunicação, entre outras.

Seguem algumas das falas mais intrigantes que surgiram nessa questão: “Tenho voz de menina, de criança... Tenho dificuldade em ser levada a sério, em ser ouvida com atenção.”, “Em relação à minha voz, acho muito baixa, e como sou tímida, isso me prejudica muito.”, “Percebo que a socialização me forçou a perceber a doçura na voz como a melhor forma de me ver escutada. Mesmo que isso prejudique a mensagem que eu queira passar (ser mais assertiva ou determinar prioridades para mim, por exemplo).”, “Já foi motivo de muita insegurança, mas hoje sei que é única e faz parte de quem eu sou.”, “Irritante, instável, chata.”, “Acredito falar de forma assertiva, por mais que quando estou nervosa tenho a sensação que minha voz está trêmula, eu consigo não transparecer para quem está ouvindo. Não gosto da minha voz por achar ela estridente e falo sempre em voz muito alta.”, “Aguda, em alguns momentos lembra voz de criança.”, “Acredito que minha voz varie bem do agudo ao grave quando necessário.”, “Sinto muita dificuldade para falar em público ou quando sou observada”, “Vejo que sempre preciso projetar e focar muito para não gaguejar ou falar para

dentro.”, “Não gosto da minha voz quando canto, acho que ela é desafinada e fora do padrão musical.”, “De forma geral não me sinto feliz com minha voz, acredito que preciso de muito trabalho vocal para me conhecer melhor e utilizá-la da forma correta, com plena intensidade.”

E o que essas respostas revelam afinal? Que fomos ensinadas a odiar as nossas vozes também. Se os timbres agudos são feios e os graves, belos, o tipo de voz que é mais comumente associado ao feminino é depreciado, justamente por remeter à identidade de mulher.

2.3 Os gráficos de respostas do questionário sobre a voz feminina

Seguem abaixo as perguntas, respostas e gráficos que ilustram o resultado do formulário.

1. O parâmetro da intensidade da voz nos indica se ela está mais fraca ou mais forte. Este parâmetro é o que popularmente chamamos de volume. Considerando estas informações, como você reconhece sua voz quanto à intensidade?

Fraca	4
Média	31
Forte	15

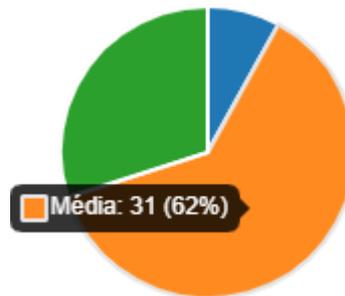


Figura 1. Fonte: A autora

2. A tonalidade é o parâmetro que nos ajuda a perceber a sensação tonal da voz, ou seja, se ela é mais grave ou mais aguda. Como você classificaria quanto à tonalidade, considerando seu registro cotidiano da fala?

Grave	5
Média	33
Aguda	12

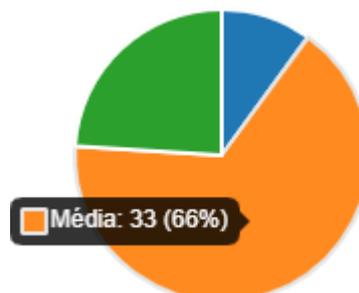


Figura 2. Fonte: A autora

3. Nas diferentes situações do cotidiano em que você se comunica verbalmente, você percebe alguma dificuldade na clareza dessa forma de expressão?

Sim	33
Não	12
Não sei responder	5

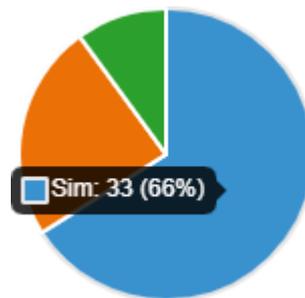


Figura 3. Fonte: A autora

4. Sinto que preciso me esforçar para projetar minha voz ao falar:

Nunca	10
Quase nunca	12
Às vezes	22
Quase sempre	4
Sempre	2



Figura 4. Fonte: A autora

5. O som da minha voz varia ao longo do dia.

Nunca	3
Quase nunca	15
Às vezes	22
Quase sempre	9
Sempre	1



Figura 5. Fonte: A autora

6. Você considera mais fácil falar para:

Poucas pessoas	38
Muitas pessoas	2
É indiferente para mim	10



Figura 6. Fonte: A autora

7. Em quais contextos ou situações você fica mais desconfortável ou insegura ao falar em público? (Assinale 1 ou mais opções.)

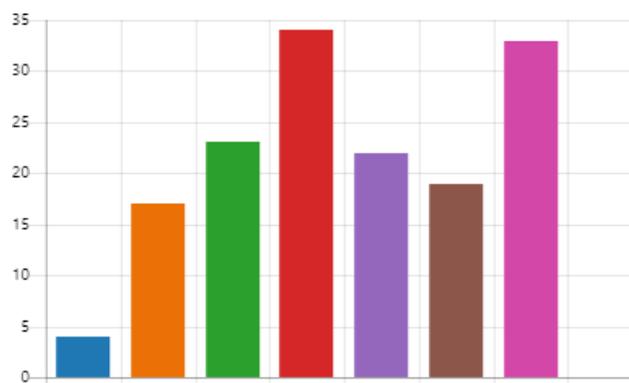


Figura 7. Fonte: A autora

Falar para algumas pessoas.	4
Expressar minhas opiniões.	17
Apresentar trabalhos, palestras, reuniões e aulas.	23
Quando estou insegura com o conteúdo.	34
Falar improvisadamente.	22
Falar ao microfone.	19
Quando sou avaliada durante minha apresentação em público.	33
Não sinto nenhum desconforto ou insegurança ao falar em público.	0

8. Identifique o que acontece com o som da sua voz ao falar em público. (Assinale uma ou mais opções.)

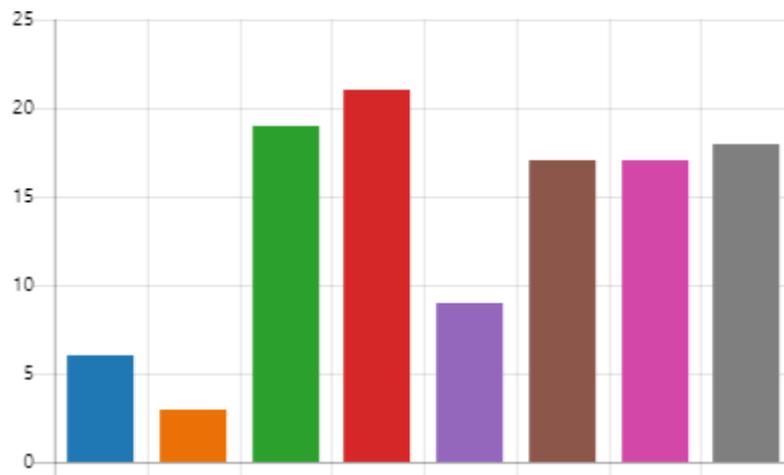


Figura 8. Fonte: A autora

Não sinto diferença na minha voz.	6
Sinto que minha voz fica melhor.	3
Tenho dificuldades para coordenar a voz, a respiração e a deglutição.	19
Tremor na voz.	21
Falhas na voz.	9
Gaguejo.	17
Repito as palavras.	17
Tenho vícios de linguagem.	18

9. Como você se sente ao ter que falar em público?

Nervosa	15
Ansiosa	21
Insegura	9
Tranquila	5
Confortável	0

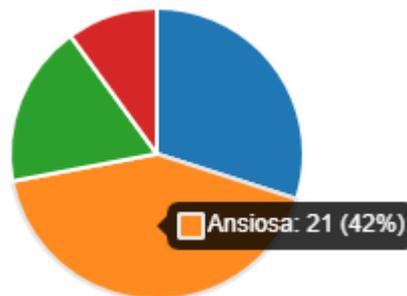


Figura 9. Fonte: A autora

10. Em uma escala de 0 a 5, sendo 0 - nada satisfeita - e 5 - extremamente satisfeita, como você se sente em relação à sua voz?

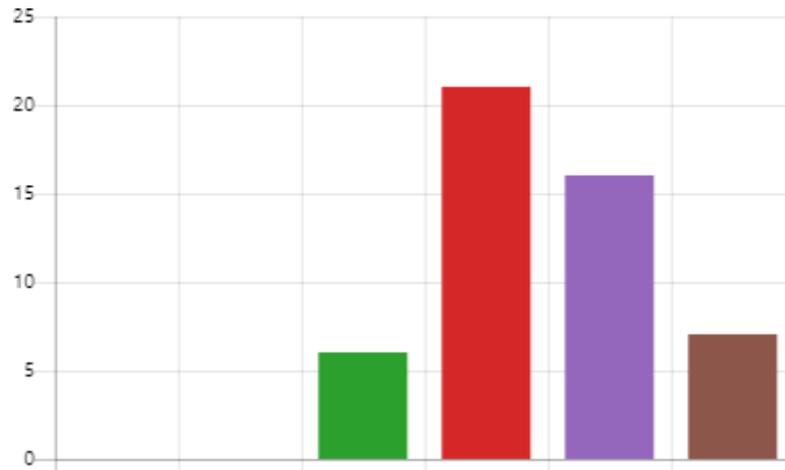


Figura 10. Fonte: A Autora

	0
1	0
2	6
3	21
4	16
5	7

11. Considerando o contexto sociocultural que determina padrões de comportamento intencionalmente, como você classificaria, no geral, a voz feminina? (Assinale uma ou mais opções.)

Delicada, suave e gentil.	26
Histórica, estridente e excessiva.	6
Fraca, submissa e educada.	9
Forte, firme e precisa.	22
Grave, forte e volumosa.	3



Figura 11. Fonte: A autora

2.4 Análise e problematização do formulário a partir de “O feminismo é para todo mundo”, de Bell Hooks

Primeiramente, observa-se que a maioria das mulheres avaliou suas vozes como sendo de tonalidade e intensidade médias, assim como que a maioria define sua comunicação oral de forma satisfatória. Já em questões sobre ser necessário algum esforço para falar ou acerca do som da voz variar ao longo do dia, quase metade respondeu que isso acontece com certa frequência.

Sobre as preferências, dificuldades, e sensações experimentadas ao falar em público, uma porcentagem alta de mulheres manifestou seu desconforto. Enquanto que do nível de satisfação que as entrevistadas possuem com suas vozes e como classificam a voz feminina, nota-se que, majoritariamente, não se sentem absolutamente plenas com essa parte de seu

corpo e expressão, e que veem a voz de mulher como uma revelação da suavidade, delicadeza e gentileza que nos foram ensinadas. E curiosamente, um número alto também caracterizou a voz feminina como forte, firme e precisa, o que Aleixo e eu, em uma de nossas reuniões, julgamos como sendo um posicionamento político, e não uma opinião espontânea de quem respondeu a essa pergunta, posto que essa foi a voz dita como desejada por muitas das mulheres na última pergunta do questionário. Cabe, obviamente, relativizar os limites dessa interpretação, que foi pautada por nossas vivências e observações de como a voz feminina se coloca no mundo à nossa volta.

Essas colocações me remeteram a um trecho de “O Feminismo é para todo mundo”, no qual bell hooks fala de suas experiências na Universidade de Stanford, dominada por professores homens que enfatizavam repetidas vezes que as mulheres não eram tão inteligentes quanto os homens e que não poderiam ser grandes pensadoras. Consequentemente, as mulheres não conversavam muito, e quando falavam, era difícil ouvir o que diziam naquele ambiente opressor. Faltavam força e confiança na voz delas. (HOOKS, 2018, p. 22).

Segundo a autora, parte do problema está na educação infantil, quando dentro de culturas de dominação patriarcal capitalista de supremacia branca, crianças não têm direitos. O movimento feminista foi o primeiro movimento por justiça social a chamar atenção para o fato de que nossa cultura não ama crianças, continua a enxergar crianças como propriedade do pai e da mãe, para que façam com elas o que bem entenderem. Violência adulta contra crianças é norma em nossa sociedade.

Há o problema de que, em sua maioria, pensadoras feministas jamais quiseram chamar atenção para a realidade de que mulheres são, com frequência, as principais culpadas pela violência diária contra crianças, simplesmente porque são as maiores responsáveis por tomar conta delas. Ainda que fosse crucial e revolucionário que os movimentos feministas chamassem atenção para o fato de que a dominação masculina no lar frequentemente cria uma autocracia em que homens abusam sexualmente de crianças, o fato é que multidões de crianças são abusadas de modo verbal e físico por mulheres e homens, todos os dias.

O sadismo maternal com frequência leva mulheres a abusar emocionalmente de crianças, e a teoria feminista ainda não ofereceu nem crítica feminista, nem intervenção feminista quando a questão é violência de mulher adulta contra criança. (HOOKS, 2018, p. 62). É necessário chamar a atenção para este fato, muitas vezes ignorado também por pensadoras feministas que acham mais fácil culpar apenas a dominação masculina. Homens e mulheres adultos agem na manutenção da violência contra as crianças, especialmente na

forma de abusos verbais e psicológicos, pois em uma cultura de dominação, as crianças não têm direitos civis, e essas humilhações abusivas estabelecem fundamentos para outras formas de abusos. (HOOKS, 2018, p. 63).

Meninos são frequentemente humilhados pelos pais quando não agem em conformidade com as noções sexistas de masculinidade, especialmente pelas mães, que são as principais responsáveis pela educação das crianças na nossa cultura. (HOOKS, 2018, p. 63). Acabar com o sexismo nos lares, contribui positivamente para a vida da família. A maternagem e a paternagem feministas ajudam na criação de um espaço seguro para as crianças, independente do formato que essa família se manifesta, se é composta de pais e mãe amáveis, solteiros ou casados, heterossexuais ou gays. Em todo caso, o feminismo é pró-família e deve colaborar para o fim da dominação patriarcal em se tratando também das crianças. (HOOKS, 2018, p. 65).

Da análise desse capítulo, observa-se a necessidade de se olhar para a similaridade de tratamento que a família e a sociedade têm para com mulheres e crianças: as queixas de ambas são vistas como birras infundadas e o choro como expressão de sentimentalismo barato ou manipulação. Contudo, quando crescemos, continuam dizendo – sutil ou violentamente – a nós mulheres, que “não temos que querer”. Essa frase, habitualmente dita às crianças frutos de pais/mães autoritários/autoritárias permanece no ideário popular quando nas relações sociais que contam com a presença feminina. É uma das grandes razões pelas quais somos caladas: crianças, não podemos dizer o que queremos. Precisamos de uma educação – familiar e escolar – que naturalize o debate de gênero como uma questão de interesse público.

3. DAS EXPERIÊNCIAS E IMPRESSÕES DE TRÊS MULHERES ATRIZES EM RELAÇÃO A SEUS CORPOS, VOZES, ARTES, SEXUALIDADES E QUESTÕES DE GÊNERO

Para este capítulo, selecionei perguntas para fazer a algumas atrizes e estudantes de Teatro da cidade de Uberlândia (MG). Então divulguei meu projeto em alguns grupos de *WhatsApp* dos quais faço parte, descrevi brevemente do que se trata esta monografia, e expliquei que em um dos tópicos gostaria de escrever sobre a história de outras artistas para mostrar que a misoginia não é específica de uma única localidade, família ou realidade.

Coincidentemente, as três interessadas que se dispuseram a me ajudar também são

mulheres “cisgêneras” (pessoas cuja identidade de gênero está em concordância com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento), envolvidas com música, e se relacionam afetiva e sexualmente com outras mulheres. Ana Luiza (24 anos) é branca, nasceu e morou em Uberaba (MG) até entrar na faculdade, aos 18 anos. Cecília (22 anos) é branca, nasceu e reside em Uberlândia desde o nascimento e tem contato com o ensino das artes desde bem pequena, pois vem de uma família de artistas e docentes. Bárbara (32 anos) é negra, mãe, e natural da cidade de Uberaba (MG). Para preservar a identidade das moças, escolhi não identificá-las, pois trataram nesta entrevista, de assuntos delicados e desconhecidos (algumas vezes) por suas famílias. Portanto, seus nomes foram alterados.

As perguntas foram as seguintes: “Na sua infância, o que te diferenciava dos meninos? E atualmente?”, “Para você, o que te define como mulher?”, “O que mais te faz se sentir mulher?”, “Conte um pouco da sua trajetória enquanto mulher e atriz.”, “Você já sofreu alguma violência por ser mulher? Se sim, qual?”, “E no Teatro, você já se sentiu assediada ou menosprezada de alguma forma?”, “O Teatro te ajudou/ajuda a desconstruir preconceitos de gênero? Como?”, “Conte um pouco da sua relação com seu corpo e sua voz dentro e fora do Teatro.”, “Como você foi ensinada a se comportar, a se vestir, e a se relacionar com seu corpo e sexualidade?”, “Você é religiosa? Como os ensinamentos religiosos se imprimem no seu corpo?”, “Vocês são mulheres que se relacionam com outras mulheres. Isso já te fez ser vista como alguém desconectado do próprio gênero e da sua feminilidade?”

Para as quais as três me responderam por áudios, lendo as perguntas em voz alta ao início de todos eles. Optei por transcrever as respostas, a fim de trazer um pouco do “universo particular” de cada uma em suas marcas de oralidade e expressões verbais mais utilizadas, e aproximar o leitor dessas jovens mulheres que contribuíram e muito para a execução deste trabalho. Ademais, deixei claro que não haveria obrigatoriedade em responder todas as perguntas, pois algumas delas poderiam ocasionar certos incômodos, resgatar traumas passados e/ou acionar “gatilhos” emocionais, o que não é minha intenção aqui.

3.1 “Na sua infância, o que te diferenciava dos meninos? E atualmente?”

Bárbara: Eu não pensava nisso. E eu acho que a resposta mais sincera que eu posso dar, tentando voltar no tempo e pensar com a minha cabeça de criança é exatamente nada me diferenciava dos meninos naquela época. Porque a gente brincava tudo junto na praça da rodoviária.

Meu pai trabalhava na rodoviária, minha mãe trabalhava fora. A gente ia ‘pra’ praça da rodoviária, meu pai ficava olhando a gente de longe enquanto trabalhava, e a gente brincava com os meninos que moravam ali perto da praça. Então tinha menino e menina brincando de subir em árvore, pega-pega, corre-corre, e... É...

Aquele de garrafa... Pet.

E... Aí tinha os meninos... Aí eu lembro que tinha a diferenciação com os meninos mais velhos. Era outro tratamento com os meninos e com as meninas mais velhas. Mas enquanto criança mesmo, nada me diferenciava dos meninos. Eu brincava das mesmas coisas que eles. Vou corrigir esse final, não é que nada me diferenciava dos meninos, mas eu não percebia nada me diferenciando dos meninos. Não tinha esse sentimento de diferença.

Cecília: Eu sempre gostei muito de brincar, então eu sempre gostei de brincar de tudo. Além não só de boneca. Eu gostava de brincar de cozinha, adorava brincar de casinha, 'mamãe-filhinha', adorava brincar de boneca, de tudo, mas eu também adorava... Eu era muito espoleta, então assim, adorava brincar com os meninos também, tipo de... Catar aranha (risos), aqui no meu condomínio, assim, a gente catava aranha e punha fogo. Então assim, brincar de coisas assim, adorava brincar... Mais espontânea, mais espoleta, porque... É criança, né, criança quer brincar, não importa como, então... Eu tinha um amigo aqui, que morava aqui no meu condomínio, que era até mais próximo, e eu brincava muito com ele, assim, de videogame, de... tinha aqueles carrinhos da *Hot Wheels*, sabe? A única coisa assim, que eu nunca curti muito, né, queé muito social do masculino, né, eram esportes, assim, porque eu sempre fui sedentária e desinteressada em esportes, eu sempre tive preguiça de fazer.

Eu era, eu era uma criança bem fresquinha, assim, tipo: 'ai, não gostava de jogar isso, não gostava de esporte tal, tal, tal...' Futebol, odeio futebol, eu detestava, até hoje eu detesto. (Risos). Mas... mas assim, quando era brincar de pique-pega, esconde-esconde, essas outras coisas assim, né, não tão direcionadas pro esporte, né, eu gostava bastante. E atualmente, nossa... Atualmente é tanta... são tantas coisas que mudaram, acho que é mais... É... Não sei se tem algo que me diferencia, a não ser o fato de que eu sou, de que eu me identifico, né, como menina. Os homens, assim, mas eu não sei, acredito muito que o jeito, por exemplo, de às vezes expressar sentimentos, às vezes tem meninos que são muito brutos, né. Mas tem meninos que são... Aprenderam, cresceram com uma masculinidade muito assim, marcada de... No estereótipo mesmo do masculino, do homem que não chora, daquele fortão, e a menina naquela feminilidade, naquela delicadeza.

Ah, não sei, não sei o que me diferenciaria assim. Eu tenho, eu sou muito, eu sou muito feminina, sou mais sensível, assim, naturalmente, mas assim como tem meninos que são mais femininos e são sensíveis também, ou... Sabe? Então... Eu acho que nesse... Não sei o que me diferenciaria, atualmente, assim, somos todos seres humanos, né? Então aí acho que essa diferença só é colocada nessas questões mais marcantes, né, que a gente tem na sociedade, de gênero, e tudo, né?

Ana Luiza: Eu acho que... A forma como as pessoas me tratavam, tipo... Sempre a princesinha, fofinha... É... Usava, muitas vezes, vestido... Então acabava que... Num... Acho que o vestido, como que fala? Impedia um pouco do movimento, então... Não era de subir em árvore, essas coisas, acredito que isso tenha tido bastante interferência. E minha mãe também era muito superprotetora. Aí não sei também como teria sido se fosse um menino, como ela teve duas meninas, não tem como eu saber se teria sido diferente essa superproteção dela. Então essa coisa de sempre fofinha, bonitinha, e colocavam essa coisa em mim, essa expectativa de ser sempre dessa forma.

Atualmente, o que me diferencia dos meninos... Eu acho que a forma como as pessoas me veem também, a forma como as pessoas me dão crédito, eu sinto muitas vezes... Que... Não acreditam em mim, que não me dão crédito por eu ser mulher, né? E com homem as coisas parecem ser bem mais simples, em vários momentos eu percebo que as pessoas não acreditam na minha palavra, tipo, não me dão confiança por causa disso. E... Essa coisa de o que me diferencia, né? A forma como as pessoas me tratam na rua, o assédio, e etc. Mas eu provavelmente talvez lembre de outras coisas durante as perguntas.

3.2 “Para você, o que te define como mulher?”

Bárbara: Respondendo à segunda pergunta, o que me define como mulher. Eu consigo pensar em vários níveis ou, né, vários segmentos ‘pra’ responder essa pergunta. Mas é... Eu acho que o que mais me define como mulher é porque eu realmente me identifico com esse papel social. Eu tenho consciência de que o ‘ser mulher’ é um papel social. E... Eu não tenho problemas em desenvolver esse papel. E então eu me coloco e me identifico, né, como mulher. É... Principalmente isso.

Cecília: Nossa, pra mim... é um universo tão vasto ser mulher, porque são várias... Não tem como a gente falar que é uma coisa ou outra, mas pra mim, Cecília, o que me define como mulher é... Vai muito além de eu ter um útero, de eu ter o órgão genital feminino, de eu ter seios, de eu ter o desen... De eu ter um corpo, né, biologicamente feminino, vai além, é a minha essência, é como eu me sinto, então eu me sinto conectada comigo mesma, e é lógico que pra mim isso se alia também à minha biologia, né, a como eu sou. Então toda essa conexão que eu tenho comigo, com o meu corpo.

Principalmente meu ciclo menstrual pra mim é muito importante. Então a conexão que eu tenho com esse ciclo, a conexão que eu tenho com os meus sentimentos, coma minha essência, com as histórias que eu ouço, né, das minhas ancestrais, sabe? Das minhas ancestrais... Então é todo um conjunto que me... Que eu sinto uma força dentro de mim, que eu sei que essa força, ela é feminina, que eu sinto que vem de tempos de mim, sabe? A conexão com o sagrado mesmo, sabe? Quando... Acho que até vai num sentido mais religioso assim pra mim, nas conexões com as histórias de mulheres, né? Como por exemplo Maria Madalena, a deusa Gaia, sabe? Todas essas figuras que me chamam a atenção, que me despertam, que brilham o meu olho e que eu consigo sentir ali, uma identificação, uma conexão, sabe, quase que espiritual com elas.

Ana Luiza: Acredito que a construção social, né, desde que minha mãe fez, é... Aquele negócio lá, a ultrassonografia, e viram que eu não tinha um pênis, que eu tinha uma vagina, quando eu era um feto. Então a construção social desde então, de tudo isso, né... Dessa insegurança, dessa “mulheridade” que foi construída em mim, de gosto por coisas mais feminilizadas.

3.3 “O que mais te faz se sentir mulher?”

Bárbara: Quanto à terceira pergunta, o que mais faz eu me sentir mulher. (Risos). Aqui, eu vou te responder assim, na lata, a primeira resposta que me veio à cabeça. O que mais faz eu me sentir mulher são os orgasmos múltiplos. (Risos). É verdade. É isso. É só isso. E fica óbvio, né, que é essa ideia de que homem não pode ter orgasmo múltiplo também é uma construção social.

Cecília: Eu sempre fui muito... É... Vaidosa. Eu gosto de me vest... Gosto de me arrumar, gosto muito de me arrumar. Eu tinha vergonha antes, né, por conta do rosto e tudo. E aí a partir do momento que eu perdi isso, que o Teatro me fez... Fez com que eu me aceitasse, com que eu me amasse, nossa... Eu desabrochei. Então hoje eu quero pôr tudo se eu sentir vontade, quero enfiar brinco, quero enfiar colar, quero pôr batom, quero pôr sombra, quero pôr cílios postiços, quero pôr tudo! Eu adoro, eu amo me enfeitar. Adoro, isso, assim, porque me faz bem, eu me sinto confortável, então hoje eu me visto como eu me sinto confortável naquele momento. Às vezes eu quero ficar só de moletom e pijamão e viva a vida. Então é isso. E às vezes eu quero ‘tá’ toda enfeitada, toda na purpurina, e sabe? E é o meu jeito, é a minha forma.

Ana Luiza: Mulher como fêmea... Como fêmea do... Fêmea da espécie humana... Aí a menstruação, a TPM e tal... Que é uma coisa que tem me feito sentir bem, no sentido de entender o meu... A minha... O meu 'ser fêmea' como isso... E não como coisas culturais. E o que mais me faz sentir mulher também é a insegurança, o ódio sobre mim mesma, a cobrança e... O medo de ser estuprada, culpa e várias outras coisas. Acho que isso que me faz sentir mulher além da coisa da fêmea."

3.4 "Conte um pouco da sua trajetória enquanto mulher e atriz. Você já sofreu alguma violência por ser mulher nesse meio? Se sim, qual?"

Bárbara: Sobre a minha trajetória de mulher e atriz. Eu comecei... É... A estudar Teatro em 2008. Foi o mesmo ano em que eu me formei como... É... Profissional de T.I. E nessa época eu 'tava' extremamente infeliz com a minha profissão. Eu realmente não gosto, e ainda desenvolvo essa profissão, porque é o que paga as contas, mas eu não gosto, não tenho tesão nenhum com... Relação a isso. E eu 'tava' nesse lugar quando eu comecei a fazer Teatro. É... Comecei num curso do SESI. A minha professora e diretora, eram duas mulheres, inclusive, Cássia e a Lívia, maravilhosas, e depois disso eu entrei numa companhia, que era a Companhia (nome do grupo). Nessa companhia é... Eu sofri alguns assédios. E nessa companhia eu também notei que tinha uma questão de predileção de papéis, dependendo de quem... Com quem o diretor se... Se... Relacionava. Mas eu fui perceber isso muito depois. Que eu saí. (Risos). E eu não tenho problema nenhum de falar isso, tá? Se você não quiser colocar o nome da companhia por respeito, tanto faz. Tanto faz. Por mim pode pôr. E... Tudo isso, nessa época, eu não era nem um pouco politizada. E... Talvez eu me colocasse muito como ingênua. Sabe? Eu não percebia essas coisas. Fui perceber depois que eu saí. Então... Não é tão claro perceber essas violências.

Cecília: Nossa, eu acho que são tantas violências a que todas nós somos sujeitadas, né, que nós somos sujeitadas na nossa vida assim, né? Eu acredito... Uma forma de violência, pra mim, é a imposição do que eu deveria ser, de como eu me deveria... Falar baixo, ficar quieta, me comportar como uma mocinha, todas essas coisas que são impregnadas na gente, que nós somos educadas, né, pra fazer. Mas não que seja culpa, né, claro, dos nossos pais ou avós, porque isso é algo que vem impregnado nas tradições, na tradição desse sistema patriarcal que a gente vive, e muitas das vezes, nós somos educadas num piloto automático, que nossas mães não sabem o que estão dizendo, nossos pais às vezes não sabem o que estão dizendo realmente, né, o que estão impondo, forçando a gente a assumir um papel de... Não sei nem a nomenclatura, assim, mas fazer esse papel de 'a boa, bela, recatada e do lar', o exemplo, a mãe de família.

Poxa, tantas mulheres que nem querem ser mães, sabe? E isso não é problema nenhum, sabe? O papel de cuidar de uma criança, de cuidar de uma casa, não é só da mulher, é do homem também. Então são responsabilidades, que muitas das vezes, nós temos homens, pais, tão amorosos, sabe, assim, tão atenciosos, tão cuidadores, tão zelosos pelo lar, assim, então são padrões que são impregnados na gente.

Aí esse, amiga, essa parte eu gostaria que você não mencionasse meu nome, porque às vezes pode cair na mão de algum familiar meu, que eu não contei, né, porque eu não me senti à vontade pra falar sobre, me senti à vontade na época pra falar sobre isso com outras pessoas, né, então... Eu sofri uma... Eu já fui... Já me agarraram à força, assim... Sabe? Como a gente se sente vulnerável, como se a gente fosse um pedaço de carne, assim, andando livremente, e que homens, né, com uma mentalidade escrota e baixa, com uma menta... Sem mentalidade, né? Que acham que podem fazer o que querem só porque são homens, né? Que foram criados pra serem assim. E acham que você ali 'tá' a serviço, 'tá' à mercê deles. Então isso é péssimo, e era...

Isso aconteceu, inclusive, era uma festa, do Teatro, era uma pessoa do Teatro, que eu convivi um ano, sabe, assim, uma pessoa que eu confiava e que se mostrou ser um completo tirano, um completo idiota, sabe, um completo mau caráter mesmo, e que achou que poderia conseguir algo sem minha permissão, né?

Então ali, não passou daquilo, né, de um beijo forçado. Não que isso seja bom, mas felizmente não passou disso. Então nós... Eu não sei onde estamos seguras, isso é muito triste, porque deveríamos estar seguras em todo lugar! É... Ter que sair de casa pensando em ter que levar uma arma com a gente, assim, pensando em 'Nossa, preciso comprar um spray de pimenta, preciso comprar um... Sei lá, uma arma branca pra carregar comigo, pra poder me defender de qualquer coisa, sabe?' Isso pra mim é péssimo, é horrível, sabe? Eu me sinto... Eu tento ao máximo me expressar do jeito que eu quero, me vestir do jeito que eu quero, sem que essas coisas me, me perturbem, mas também sempre com o olhar atento, com a atenção, né, pra que eu me defenda, caso qualquer coisa... Mas é esse estado de alerta que a gente sempre tem que andar, de defesa, é insuportável, porque é como se nós não fôssemos livres com a nossa própria vida, com o nosso próprio corpo, na nossa própria cidade, no nosso próprio bairro. Então é algo muito, muito, muito chato, assim.

E sobre Teatro, nossa, ai... Às vezes em apresentações, Nossa Senhora, muitas vezes, assim, quando era apresentação pra escola que eu já fiz... Nossa, o pessoal, assim, pessoas que não 'tavam' acostumadas com o Teatro e tal, né? Muitos meninos fazendo cantadas, coisas desagradáveis, achando que só porque a gente faz Teatro a gente é puta, né? Pelo amor de Deus, né? Ou só porque a gente faz Teatro a gente é dada a regalias. Num sentido assim, né? Me entende? De que assim... Ai, você pode fazer comigo o que quiser, ah, eu faço Teatro, sou aberta, sou de todos.

Não... Pelo amor de Deus. Sou de todos se eu quiser! (Risos). E não quero. Sabe? A gente faz Teatro e já olham com aquela cara de... Com um olhar que realmente é muito incompreensível, assim, de que como se fosse errado ser atriz por ser mulher, como se fosse algo, algo de... Tivesse algo mau nisso, né? E é absurdo, assim.

Ana Luiza: Várias, né, a gente pode aqui listar. Tá. Violência tem de vários tipos: tem violência psicológica, violência verbal, etc, e violência sexual. Vamos começar com a violência sexual. Já sofri um estupro... Como é que fala? Estupro de vulnerável, em que eu estava bem bêbada, então acho que isso enquadra em estupro de vulnerável, se eu tivesse ido adiante num processo jurídico. É... E além de violências sexuais feitas por homens dentro de... A relação começa consentida, e várias outras coisas não são. O que mais?

E de violência verbal, psicológica... Nossa, inúmeras. Inúmeras, inúmeras, inúmeras. Meu Deus. (Risos). Inclusive como atriz.

Um exemplo de quando eu fazia uma peça. Quando eu fazia (nome da peça), a diretora é uma mulher trans, mas... Uma mulher trans não é socializada como uma mulher, então a misoginia é uma misoginia às vezes é até mais eschachada, porque é uma pessoa que foi socializada como um homem. Então eu sofria bastante misoginia dentro dessa peça, principalmente pela diretora, e por outras duas mulheres trans, porque eram essas três mulheres que tinham mais poder dentro da peça, principalmente a diretora, né, só que outras duas mulheres trans também. E aí era isso, era uma misoginia que vinha muito por não... Por terem sido socializadas como homens. Tipo, porque a gente sofre, né, machismo por mulheres mesmo, cis, por fêmeas, por pessoas que foram socializadas como mulheres, mas é uma misoginia diferente.

No sentido de... É... Achava ruim. Era uma peça em que nós estávamos nuas, né, então achava ruim quando a gente... Nós, nós mulheres cis... Eu não gosto de falar 'mulheres cis', porque eu não me considero cisgênera dentro do que a Teoria Queer diz que é o cisgênero. Por isso de jeito nenhum me considero como uma mulher cisgênera, nunca na vida. Mas eu... Mas eu uso pronomes femininos, me considero mulher, dentro de uma narrativa de... De... De luta, de... Mulher ocupando espaços, já que vocês me determinaram como mulher, eu quero quebrar tudo o que vocês disseram que é 'mulher', mas né? Já que vocês determinaram isso

aí, tem uma vagina, disseram isso lá mil anos atrás, eu vou continuar com isso, entendeu? Mas dentro do que é a cisgeneridade, que a pessoa se... Se... Se o que mesmo? Se ela... Se identifica com os estereótipos, com certas coisas que a sociedade diz, de jeito nenhum. Tenho um pouco de raiva quando me falam que eu sou uma mulher cis.

Nessa peça, às vezes as meninas não queriam ficar nuas no dia, porque estavam menstruadas, ou por algum motivo... E... A gente sofria bastante misoginia quanto a isso, dizia que era frescura... Às vezes acontecia aquele negócio de alinhar o ciclo menstrual, e aí várias meninas estavam menstruadas juntas, e aí dizia que a gente 'tava' mentindo, que isso não existia.

Por isso que é uma misoginia diferente de uma misoginia de uma mulher que foi socializada como mulher, e que tem uma vagina. Porque né, uma pessoa que é socializada como mulher e tem uma vagina, certas coisas ela entende, né, o que uma mulher trans não entende, e muitas vezes não busca entender. É... E aí é uma misoginia dessa forma, então a gente sofria misoginia quanto a essas questões. Da nossa própria vagina, do nosso próprio ciclo menstrual.

É... Existia uma coisa que a diretora... Uma menina apontou que tinha uma cena que era muito... Que nos atacava, porque a gente sentia que era uma cena misógina, é... A gente sofreu bastante humilhação, disseram que a gente 'tava' sendo fresca. Acabaram mudando, mas disseram que não fazia sentido, sendo que 'pra' gente fazia, sabe? Misoginia mesmo. Aquelas. (Risos).

3.5 “No teatro, você já se sentiu assediada ou menosprezada de alguma forma?”

Bárbara: Olha, assediada... Eu já contei a história da companhia, né, que eu participei antes. Então sim, nessa companhia. Mas desde que eu entrei na faculdade de Teatro não, porque eu acho que o meu relacionamento 'tá' muito bem definido, muito bem marcado. Quando as pessoas veem uma barriga crescendo, elas respeitam a imagem da Mãe Maria, né, essa mulher que deu origem a um ser especial: Jesus Cristo. Quando as pessoas veem uma mãe, a primeira coisa que vem na cabeça dela é Maria, mãe de Jesus. E criam uma expectativa de que você vai corresponder àquelas expectativas. Então, por isso, talvez eu não tenha sofrido... É... Nenhum assédio durante a minha faculdade de Teatro. Eu sofri antes d'eu ser mãe.

Eu fui assediada antes d'eu me tornar mãe. Depois que eu engravidei, é... As pessoas... E também, né, me coloquei dentro de um... De um relacionamento. Daí as pessoas olham e já veem uma barriga e já fala 'Caramba. Mãe, né?' E esse arquétipo da mãe, da Virgem Maria, e tal, pura, intocável. É... Eu acho que as pessoas ainda veem isso com um pouco... E... Enfim, depois que eu me tornei mãe, não... Não fui assediada.

E aí, né, eu saí de um bebê de colo 'pra' uma... 'Pra' um isolamento em tempo de pandemia. (Risos). Então depois de me tornar mãe não fui assediada. Graças a Deus!

Cecília: Sim, por várias vezes, várias situações de colegas não tão agradáveis, né? Isso acontece com mais... Com os colegas que são mais, um padrão bem heteronormativo, homem, aquele ser ali, que pode fazer o que quiser. Pessoas com esse perfil, até na pergunta passada, eu até falei do... Do que eu sofri, né, dentro do Teatro, com aquela pessoa que eu não vou citar nomes, mas que fez aquilo comigo, né, era uma festa de confraternização, de fim de...

A gente 'tava' em temporada e a gente foi fazer, nós fomos fazer uma festa e comemorar, né? E a gente 'tava' organizando as coisas, a pessoa olha pra mim e fala: 'Ou, me ajuda a pegar uma coisa ali, atrás das coxias', é óbvio que eu vou, né, porque uma pessoa que você convive um ano ali, nunca reparou nada estranho e aí do nada acontece aquilo, a pessoa te agarra assim, é muito, muito desconfortável. Assim, às vezes dependendo também, às vezes em ensaios, assim, que tinham essas figuras, né, você 'tá' ali, numa sala de trabalho, você quer ficar mais à vontade, às vezes quer pôr um *top*, muitas vezes eu não me sinto à vontade

pra pôr, e nem é quando... E às vezes essas figuras nem estão presentes, mas às vezes isso fica tão impregnado na gente, que a gente se sente, que a gente não se sente à vontade, e isso é horrível, porque é um espaço ali de liberdade, né?

Então às vezes eu senti, assim, esses olhares mais assim, mal-intencionados, sabe, falando... Já falaram: 'Poxa, que corpão você tem', tipo assim, 'Obrigada, não é da sua conta', sabe? Ainda assim acontecem, às vezes, né, essas situações desconfortáveis da gente não se sentir bem pra pôr um short mais curto, pra fazer uma aula mais confortavelmente, mas é, foram poucas vezes, mas já aconteceu.

Ana Luiza: E no Teatro, você já se sentiu assediada de alguma forma?' Você diz... Sexualmente, moralmente? Essa eu acho que... Eu vou te pedir para explicar melhor, vou até escrever. Ah, sim, já foi respondida.

3.6 "O teatro te ajudou/ajuda a desconstruir preconceitos de gênero? Como?"

Bárbara: É... Eu acho que o Teatro me colocou mais em contato com as diferenças. Mas... Ele por si só não me ajuda a romper preconceitos de gênero. É... Eu acho que esse processo, eu não posso nem atribuir ao Teatro, esse processo é um processo de autoconhecimento, que cada um vai passar no seu, no seu tempo, assim. E de acordo com suas vivências. Então o que ele faz é acelerar um pouquinho esse processo, porque já que eu tenho contato com muitas pessoas, com muitas pessoas diferentes, é... Com várias identidades de gênero, a gente pergunta, a gente conversa, a gente começa a entender um pouco mais, então eu saio da ignorância e vou 'pro' lado onde eu conheço essas pessoas, essas realidades. Então nesse sentido apenas, que eu falo que, é... Que o Teatro me colocou em mais contato. Mas, é... 'Pra' vencer esses preconceitos de gênero, que é uma coisa estrutural, precisa de um, um trabalho, né? Que é o 'orai e vigiai' o tempo todo, 'pra' gente não julgar, 'pra' gente... Fazer esse processo de empatia com o outro, e isso vem de dentro. Isso não posso atribuir nem ao Teatro, nem a uma outra pessoa, né, só a nós mesmos.

Cecília: Nossa, demais da conta, demais, porque o Teatro é assim, ele é o meu porto seguro e meu poço de libertação, porque no Teatro eu convivi com tantas pessoas diferentes, que eu passei a compreender mais o outro, né? São tantos textos que a gente lê, pessoas que a gente conhece, lugares que a gente visita, né? Pessoas que a gente convive... São trocas! A gente conhece histórias tão... Tão interessantes, diferentes, e aí você convive ali com pessoas de todos os jeitos, porque o Teatro proporciona que nós sejamos livres e nos aceitemos como somos e nos expressemos da forma que quisermos, né?

Vi gente de cabelo de tudo quanto é cor, raspado de tudo quanto é jeito, aí, no começo eu até ficava meio 'Que que eu tô fazendo aqui?' Sabe, assim: 'Que lugar é esse? Onde estou?' Aquele lugar de estranhamento, porque não era comum pra mim. Mas aí hoje é a coisa mais cotidiana e corriqueira do mundo, então eu vejo ali uma pessoa diferente, às vezes com um estilo diferente do meu, e aquilo pra mim é incrível, porque é diferente de mim, e aí eu posso conhecer aquela pessoa, ver aquele estilo 'bacana.' Eu era uma pessoa completamente dentro de uma caixinha ali, que não...

Eu não me conhecia, não me entendia, não entendia os meus sentimentos, não entendia as minhas angústias, minhas frustrações, não entendia quem eu era! Sabe, assim, eu tinha vergonha até de passar batom. Eu tinha muita vergonha de passar batom, eu tinha vergonha do meu rosto. Então... Eu tinha muita vergonha, eu não gostava, e aí... Tinha muita vergonha, e aí... Quando eu comecei a fazer Teatro, que eu vi tantas pessoas diferentes se expressando, aí eu falei: 'Ah, eu posso me expressar também.' E aquilo ali dentro 'tava' normal, eu não tive nenhum olhar de julgamento, ninguém me julgando, ninguém me estranhando. Aceitação de quem eu era, ali, eu me senti acolhida, eu me senti abraçada, eu me senti pertencente no mundo!

Quando eu enxerguei, né, todas essas coisas de... Assim, aprendi o amor por mim mesma, o amor por quem eu sou, a respeitar as minhas vontades, 'O que eu quero vestir? Como eu quero vestir? Eu quero pôr algo, um acessório? Eu posso? Eu posso fazer isso!' Então esse... Entender pra mim foi uma descoberta, algo mágico e revolucionário que aconteceu na minha vida, que me permitiu olhar 'pro' mundo

com outros olhos e me olhar com outros olhos primeiro, né, porque primeiro eu tinha que me enxergar pra conseguir enxergar o outro, compreender o outro, não julgar o outro, aceitar o outro como ele é, como ele quer se expressar, se é... Ai, não sei! Sabe, assim? Se ele falar que é um... 'Ah, eu sou um pássaro de...' Sei lá, sabe. Eu vou falar: 'É isso aí, é você!', e é isso, sabe? É o que importa, é a pessoa ser quem ela é e ponto.

Ana Luiza: O Teatro, pra mim, ser atriz, me trouxe um lugar de muita libertação, de muito... De muita liberdade, assim, porque eu estando lá consegui firmar minha presença, me firmar, 'Oi, eu sou a Ana Luiza, sou mulher e sou atriz. Estou aqui me expressando, interpretando um personagem X, Y. Tô aqui fazendo isso e aquilo, estou trabalhando aqui, trabalho ali, faço luz, faço... Ajudo a pensar cenário, faço a musicada peça, eu ensaio o coral, sabe?' Poder ter flexibilidade pra fazer o que eu quiser, sem me preocupar se é um padrão masculino, se é... Eu acho isso ridículo, não tem que ter padrão de nada, todo mundo ter que poder fazer tudo, sabe? É um lugar de muita, pra mim, de muita libertação, de muita... Da sensação que eu posso ser quem eu quiser, fazer o que me der vontade. Eu sou boa aqui? Então eu posso ir pr'ali, posso fazer um nome ali. Então é um lugar que me dá muita mobilidade, me dá muito conforto. Até assim, quero fazer um papel masculino, quero tentar encontrar esse masculino em mim. Eu posso fazer isso se eu quiser! E isso é incrível! Posso me explorar, posso me descobrir, posso me conhecer, e aí eu posso me expressar da forma que me der vontade. Trazer outras de mim que existem em mim, sabe?

Várias peças, várias personagens femininas extraordinárias que a gente tem dentro do Teatro, a identificação quando a gente lê... Aquela peça, como por exemplo, 'Mãe Coragem', aquela peça me toca de um jeito absurdo, estrondoso, mexe nas minhas vísceras, aquela peça. E poder ter aquela personagem pra me identificar, pra me espelhar... É... Uma personagem também, às vezes como a Antígona e ver o século que aquilo foi escrito e o tanto que aquilo é atual. E claro, textos atuais também, com outras personagens que a gente olha e fica, 'Cara, é isso!', e aí a gente se identifica. Eu acho perfeito, eu acho incrível, porque nós damos voz a todas as vozes.

3.7 “Conte um pouco da sua trajetória enquanto mulher e atriz.”

Bárbara: Eu comecei a estudar Teatro em 2008, quando eu me formei na primeira graduação, que foi Sistemas de Informação. Na época, eu me lembro que eu estava extremamente infeliz, porque eu sabia que eu tinha me form... Formado, graduado numa coisa que eu não queria fazer 'pro' resto da minha vida, e isso só veio me consumindo, e eu sempre quis fazer Teatro, e aí eu falei, 'cara', eu vou fazer Teatro 'pra' ver de qual que é.

E aí naquele momento, eu... É... Eu me encontrei em mim mesma. Como observadora de mim mesma, como disse o Boal. E eu percebi que através dos exercícios de corpo e voz, que eu conseguia me entender, me conhecer, me reconhecer e me aceitar, tanto a nível corporal, de gênero, trabalho, é... Inclinações... É... E aí hoje, já com esse distanciamento, eu entendo que o Teatro foi uma ferramenta pra esse autoconhecimento, né, e esse reconhecimento do meu corpo e da minha voz, é, ele permitiu que eu me apossasse do meu corpo e da minha voz. E entender com isso o que é meu, o que é da personagem, até onde eu consigo chegar, ou seja, né, todos as potencialidades, todos os fractais que podem surgir a partir de mim... Então eu acho que o Teatro é uma forma muito potente de... De conhecer... De se conhecer, de trabalhar esse autoconhecimento.

E aí é importante ressaltar, ainda falando de corpo e voz, que com o passar do tempo eu fui encontrando esse trabalho com outras ferramentas também, tá? Aí eu posso enumerar: o sagrado feminino, a umbanda, nossa, a umbanda e o candomblé, né, têm um trabalho de corpo e voz fantástico. Que é 'pra' nos alinhar. É... A própria filosofia do Corpo Habitarte, o tarô, mais 'pra' frente a terapia, a psicoterapia. Todos de alguma forma estão falando, estão trabalhando esse autoconhecimento e reconhecimento do meu corpo e da minha voz.

3.8 “Você é religiosa? Como os ensinamentos religiosos se imprimem no seu corpo?”

Bárbara: Eu cresci numa família de católicos não praticantes (a grande maioria deles), então minha mãe quis que eu fosse... Eu fui batizada, eu fui crismada, tudo isso. É... Apesar de não sentir nada ali, não ter reconhecimento, não ter... E eu ia pelo rolê, assim. Sem questionar muito. Só ia porque meus amigos ‘tavam’ lá também, então a gente ia ‘pra’ fofocar, ‘pra’ papear. É...

E a minha mãe sempre teve um pezinho também no espiritismo. Então ela não tem uma religião definida, mas ela fica ali entre o católico não praticante, o espírita... Eu tinha o ‘Evangelho segundo o Espiritismo’ em casa, ia no Centro, tomava passe, essas coisas. E ainda assim, no Centro, eu me sentia um pouquinho melhor, no Centro Kardecista, tá? Espírita Kardecista. Eu me sentia um pouquinho melhor do que eu me sentia na Igreja, mas eu ainda não tinha aquele envolvimento, né? Achava aquilo tudo muito bonito, mas um pouco distante. Quando eu conheci a umbanda, eu acho que eu fui atravessada pela umbanda. Pelas músicas, pelo xirê, o... Pelo ritmo, pelos cantos, pelos cânticos, e aí sim eu entendi o que que é sentir no seu corpo a presença de deus, a presença, no caso, dos orixás, dessas forças da natureza, e... O seu corpo vibrando com isso, seu corpo sendo atravessado com isso.

E como que isso era imprimido no meu corpo, tá? É, olhando ‘pra’ trás, pensando naquela criança que fazia a Crisma, a catequese, eu era extremamente introspectiva, tímida, ahn... Sempre fui uma criança gordinha, né? Então eu sofria *bullying*, era *nerd*... E todas as questões de sexualidade que eu ainda não entendia... (Risos) Uma panelinha de pressão. E estava assim no meu corpo, e a forma como eu me sentia dentro da Igreja era uma forma de submissão, né? Então tinha isso impresso no corpo. No Centro eu estava mais em paz, eu estava mais relaxada no Centro Kardecista. É... Mas ainda assim aquilo não ia ‘pro’ meu corpo com tanta força quanto vai na umbanda. Na umbanda tem uma coisa de postura, tem uma coisa de sentir ali, de sentir ali os fluidos, de sentir a música, é... ‘Pra’ mim é muito mais sensorial a minha experiência com a umbanda e é óbvio que... Quando... É, é óbvio que quando você se sente atravessada por deus, atravessada por essas forças da natureza, pelas deusas, pelos orixás, você entende que você também possui essas forças dentro de você, ou seja, você também é deus encarnado, no sentido da... De possuir a energia de criação, de força, de várias possibilidades. É... Sua postura muda. A minha postura mudou. É.

E eu passei a ser mais autoconfiante. A minha autoconfiança mudou muito depois da umbanda. E eu não vou falar que é só por conta das coisas sensoriais que tem, de música e tal. Não. Também tem a ver com esse conhecimento que a umbanda nos, nos, nos passa do todo, da filosofia ubuntu, da filosofia afro-centrada, desse autoconhecimento, porque as forças da natureza, as cores dos orixás, as cores dos *chakras*, ‘tá’ tudo falando da gente, são tudo, é tudo metáfora ‘pra’ falar da nossa evolução espiritual, ‘pra’ falar da nossa evolução enquanto seres encarnados. E isso que, que faz com que tudo mude, sabe? Nossa visão de mundo muda. Então o nosso corpo e a nossa voz mudam também.

Cecília: Eu não tenho religião, mas eu me considero religiosa. Principalmente quando eu comecei a aprender mais sobre o espiritualismo, é... A filosofia espiritualista, né? Fui me identificando com diversos fatores, então esse caminho do espiritualismo me ajudou a me alinhar com tantas questões internas, que eu sou imensamente grata e eu tenho muita fé, né?

Nessas crenças mais espiritualistas, eu creio em santos, independentemente se for do católico, da umbanda, eu respeito e admiro horrores e creio firmemente, sabe, em todos, independente dos nomes que são dados a eles. Principalmente também quando eu comecei a conhecer a questão do sagrado feminino, que pra mim, das energias, né, de toda a filosofia, da Mãe Gaia, de tudo ali que é alinhado com a... Com as histórias que contam do alinhamento da mulher com a lua... Me traz conexão comigo, com o meu corpo, né? Como o meu corpo é hoje, né, com o meu

útero, com o meu ciclo menstrual. Eu aprendi a amar a minha menstruação, e isso ‘pra’ mim é um... Eu quase até choro, assim, porque isso pra mim é tão bom, porque o ciclo... A gente é ensinada desde menina, a detestar a menstruação por conta dos sintomas que a gente tem. E nós vamos ter cólica, inchaço, dor de cabeça, vamos ficar irritadas com qualquer coisa, vamos ficar carentes, então... (Risos).

Todos esses períodos eu passei a acolher dentro de mim, sabe? Quando eu aprendi que esse período é um período interno meu. E que eu preciso acolhê-lo em vez de repudiá-lo. Então o que que eu faço? Eu tomo um remédio, eu deito, eu faço o possível ‘pra’ me acalmar ‘pra’ que aquilo passe. Eu tenho a compreensão de que aquilo vai passar. Então eu acolho. ‘Tá’ doendo? Às vezes eu ‘tô’ chorando, eu ‘tô’ chorando muito, e eu me deixo chorar, sabe? Eu me deixo chorar, eu me deixo sentir raiva. Porque eu tô alinhada, eu tô integrada com o meu ciclo, então eu tô mais consciente de mim mesma. A espiritualidade fala muito, né, que o corpo é a sua casa, e eu acredito muito mesmo que o corpo é a minha casa, que ninguém pode invadir a minha casa sem a minha permissão. Então faz um sentido imenso pra mim, que eu não preciso me... Pegar situações, pegar energias que são... Que não me dizem respeito, que eu posso transmutar sentimentos ruins, coisas ruins que me aconteceram. Que eu tenho esse poder de transmutação, de renovação.

Então esse caminho mais espiritualista, dessa religião, né, me torna muito mais eu, faz parte de mim. Então só faz com que eu me acolha, me entenda, e me resolva também comigo cada vez mais, me dá um norte quando eu preciso.

Ana Luiza: Amiga, sobre religião, é... Eu não tenho religião, não fui criada dentro de uma religião, mas meus pais foram criados dentro de uma religião. E eu percebi dentro da terapia que a religião me reprimiu muito, que eu sentia muita culpa católica em relação ao meu corpo, em relação a ser lésbica, com relacionamento e essas coisas... Porque acaba que a gente ‘tá’ dentro de um... De um sistema cristão, aquela... Então eu senti muito assim, um... Que a religião, sem querer, até a coisa do ‘ser lésbica’, eu lembro de a primeira coisa de eu pensar assim, quando eu tinha uns 13 anos, o que vinha na minha cabeça era... ‘Aberração, aberração, aberração.’

3.9 “Vocês são mulheres que se relacionam com outras mulheres. Isso já te fez ser vista como alguém desconectada do próprio gênero e da sua feminilidade?”

Bárbara: Eu vou tentar resumir, porque a Didi (filha dela) ‘tá’ em cima de mim. É... A primeira vez que eu percebi que eu me apaixonei por uma menina foi na sexta série, eu acho. Ela se chamava Letícia também! E eu gostava muito dela. E a gente brigou (risos), porque eu gostava muito dela e aí tinha muitos ciúmes. E... Rapidinho a gente voltou a conversar e tal, só que aí tinha uma pressão da minha família ‘pra’ que a gente não andasse muito junto. Então é lógico que minha mãe já percebia minhas inclinações, né? Família muito conservadora, nesse sentido pelo menos. E até hoje eu tenho dificuldades ‘pra’ falar sobre isso, é... Com a minha família. Não acho que eu tenha que me assumir, não ‘tô’ nesse lugar de ‘Ai, eu tenho que me assumir pros meus familiares.’ Eu me assumi ‘pro’ meu marido.

É aqui pra gente ‘tá’ muito tranquilo, muito claro e muito natural. A gente é natural, se colocar dessa forma, porque nós vemos muito parecid... De uma forma muito parecida. É... Apesar de eu parecer, né, sei lá. Não sei se eu pareço também, mas às vezes eu, eu... Oi? (Diana interrompe para contar que matou uma formiga.) O que eu ‘tava’ falando é que apesar de às vezes, é... Já ter pessoas falado, né? ‘Ah, você parece ser uma mulher muito forte’, é porque às vezes eu não quero ser forte não, às vezes eu, eu preciso estar nesse lugar de vulnerabilidade, às vezes eu nem preciso, mas eu estou mesmo, às vezes não é uma questão de escolha, e... Às vezes militar me cansa, falar disso me cansa, ter que explicar o óbvio. Gente, por que que eu vou brigar com uma pessoa que ama outra pessoa? Na minha cabeça não fez sentido, não faz sentido, nunca fez e eu acho que nunca vai fazer sentido esse grilo das pessoas com, com relação a quem você ama ou deixa de amar, o que você faz com seu corpo ou deixa de fazer. É... Um controle que o outro quer ter

sobre o nosso corpo, que, né? Não é da alçada do outro. Então eu não dou esse poder, na real eu 'tô' cagando 'pra' essa galera, e...

O que eu faço é 'tá' muito bem resolvida comigo e com as pessoas que são, que me são queridas, assim, é... O meu marido, a minha filha. Em alguma instância os meus pais, mas nem com eles eu converso tudo. Nem com eles, eu não dou 'pra' eles um espaço 'pra' interferir na minha vida. Então nesse lugar, se eu não dou espaço 'pros' meus pais interferirem na minha vida, nas minhas escolhas, o que dirá do resto dos reles mortais das popu... Da população que não me conhece, né? (Risos) Então é cada um no seu lugar. Então eu 'tô' nesse lugar. Eu não, não, 'cê' não vai me ver militando...

Eu 'tô' cansada na real. Eu acho que 'pra' eu poder militar sobre alguma coisa eu tenho que conhecer muito, e eu ainda 'tô' nesse processo de me conhecer. Então eu me considero muito ignorante 'pra' poder falar com toda a verdade do mundo. Não, não me sinto confortável nesse lugar. Acho que eu me sinto mais confortável no lugar do buscador, né, de, do buscador de si. E é isso que eu sigo fazendo. Buscando me conhecer e a partir de mim, do meu singelo ponto de vista, que é pequeno, fragmentado e limitado, eu tento entender o mundo com o maior amor possível. Né? É que às vezes também não dá. (Risos). Assim, na medida do possível eu vou indo com amor.

É... Não dialogo com quem é intolerante, não tento entender, não espero racionalidade, então eu acho que tem aí uma questão de expectativas, também já não espero muito dessa... Da galera do ódio. E aí eu não deixo que eles, é... Cheguem a ponto de me tirar do sério. Na... Em contrapartida eu não fico parada. Não 'tô' militando, mas eu 'tô' fazendo um trabalho de autoconhecimento, que é o que eu acredito, né? O que eu acredito é isso. Não acho que uma performance em praça pública vá resolver muita coisa. Mas eu acho que uma professora que explica sobre a necessidade de você conhecer o próprio corpo em sala de aula, vixe... Essa faz um estrago! E eu 'tô' nesse trabalho caladinho, quietinho aí, de... Ensinar 'pras' pessoas como elas lidam com o corpo, com os ciclos, com seu próprio movimento, com sua própria voz.

Eu me identifico como uma mulher cis, negra, preta. Apesar d'eu ter ascendência indígena também, né, eu entendo que a sociedade me vê mais como preta e eu trago mais essas raízes. Hã... Eu sou panssexual. Estou num relacionamento heteronormativo, mas é um relacionamento aberto. Tenho uma filha de três anos. E tanto eu, como o meu marido, somos panssexuais, e a gente afirma, né, que... A gente se apaixona pela pessoa, e não necessariamente por um gene, por um gênero, por uma genitália, enfim. Né? A gente lida, gosta e lida com pessoas.

Cecília: Agora a última: 'Enquanto mulheres que se relacionam com outras mulheres, a sociedade dá outro significado à feminilidade de vocês? Como?' Nossa, então (Risos), eu me considero super feminina, independente de eu ser ou não lésbica, porque eu poderia ser heterossexual e ser feminina, ser heterossexual e gostar de me vestir de uma forma mais... Masculina, digamos assim, né? Porque... Ou também poderia ser lésbica que... Poderia ter outro estilo, que pudesse gostar de... Do universo dito masculino, né, que é como... Que é padronizado, né?

Então eu acho que o feminino não tem muito a ver com a nossa orientação sexual. E a sociedade faz isso ter a ver, sabe? Porque eu não sei, eu acho que, na minha visão, a sociedade acha que a lésbica é uma mulher que quer ser homem. E isso é ridículo, porque eu não tenho um pingo de vontade de ser homem nenhum! E eu sou, eu sou muito feminina assim, né? Gosto de...

Nesse sentido, nesse padrão, adoro me enfeitar, me vestir bem, pôr adorno, adoro! E aí eu tenho uma namorada que também é assim. Então somos as duas assim, emperiquitadas assim, digamos, né? E aí às vezes muitas pessoas olham e ficam 'Aí, que desperdício!' Ai, desperdício nada, eu 'tô' mega feliz (Risos), sabe? E assim, e ela também está, então nós estamos incríveis. Estamos bem. A sociedade, ela tem... Uma preocupação muito grande com a vida alheia. Tipo, em como a pessoa deve se portar, em como que ela deve se vestir.

'Ah, se você é assim, você tem que fazer isso. E se você é assado, você tem que fazer aquilo.' Então, assim, não tem nada a ver uma coisa com a outra, é completamente absurdo, porque não tem relação nenhuma, na verdade. Porque

independentemente de eu ser ou não, eu sou. Eu tenho... Eu sou feminina, porque eu me sinto assim. Eu me sinto! Então eu sinto a minha feminilidade e tem mulheres que não. E não deixam de ser mulheres por causa disso! E nem de se identificar com isso! Então vai... É muito interno pra gente poder... É algo muito pessoal, muito interno, muito profundo pra poder taxar um padrão, colocar um... Colocar um padrão, colocar uma norma, porque não existe! Porque nós somos seres diversos e seres profundos dentro de cada individualidade, a gente é um poço! De milhares de coisas, de milhares de gostos, de sentimentos, de tudo! Então é muito... E aí a sociedade, ela quer padronizar sempre, ela quer ter um padrão pra ela poder ter controle, mas não! Não vai ter. Nunca! Porque nós somos seres individuais e profundos, e somos do nosso modo.

Então assim, quando eu ouço essas coisas de 'Ai, que desperdício', 'Ai, você não quer ser mulher então?' E eu acho que cada comentário, às vezes que as pessoas fazem, às vezes sem saber a história do outro, sem saber o que o outro passou, está passando internamente. É um ser humano ali, o ser humano é aquele poço, né, que eu falei. Então você não sabe no que você 'tá' mexendo ali, 'cê' não sabe o que que esse comentário seu 'tá' provocando. E infelizmente a sociedade é assim e vai continuar sendo por um bom tempo assim.

Eu espero que mude, né? Claro, estamos vendo várias transformações e isso alegra muito a gente, porque dá esperança de uma mudança real, disso ser cada vez menos frequente. Dessa padronização, de querer encaixar as pessoas em caixas, em lugarzinhos assim, e isso não faz sentido nenhum! Então... Eu acho que é isso, assim.

Ana Luiza: E sobre ser lésbica lá, que 'cê' fala, 'como mulheres que se relacionam com outras mulheres', da sociedade dar outro sentido de feminilidade, sim... No sentido de... Dessa questão heteronormativa... De quando, né... Quando eu estou namorando alguém, então, 'quem é o macho da relação?', essas coisas... É... Me trataram achando que, que eu sou, ou às vezes achando que eu sou uma predadora... Tipo, esses dias eu 'tava' numa reuniãozinha de amigos, aí tinha uma menina que eu não conhecia, uma menina bem heterozona assim, aquelas. (Risos). Aí ela... Tinha um menino gay, e aí ela pegou e meio que rebolou perto dele e falou assim: 'Ah, você não gosta, né, você não gosta, né.' Tipo, de mulher. E aí depois ela pegou e rebolou 'pra' mim e 'pra' Yasmin e falou assim: 'Ahh, vocês gostam. Vocês eu tenho que tomar cuidado.' Tipo, brincando, mas tipo, mano. Meu Deus, né? Predadoríssima. (Risos).

3.10 “Como você foi ensinada a se comportar, a se vestir, e a se relacionar com seu corpo e sexualidade?”

Cecília: Nossa. Eu fui ensinada a ser uma menina comportada, bem quietinha, obediente, sem escândalos, e... Sabe? (Risos). Até que não tanto dentro de casa, porque como eu tenho pais que são artistas, eu cresci numa família muito artística, e sempre fui muito expressiva. Então eu sempre tive muita liberdade pra me expressar. Então isso veio muito, às vezes. De... Da pressão da família externa, sabe? Família materna, é... Então, que eram com quem eu mais convivia, né? Que era um padrão, que o jeito que eu me comportava era errado, o jeito que eu agia não condizia... Sabe, assim, com a minha idade, que eu deveria ter o cabelo diferente, que eu deveria ser mais assim, mais assim, mais assado... Então não... Sabe? Parece que eu nunca era aceita. E tudo que eu fazia nunca era acatado, 'tava' errado. E isso me fez muito mal, porque também, né, dentro da escola também, não me sentia pertencida de maneira nenhuma, em lugar nenhum. Eu sentia que as pessoas me julgavam o tempo inteiro. A partir dos 7 anos, né, por aí, até o início da minha pré-adolescência, adolescência, era muito calada, muito fechada, muito... Sentia que não poderia me expressar, não poderia expressar as minhas vontades, então eu cresci num ambiente de difícil relação, assim, né, com... Não foi nem às vezes, não foi nem pelo feminino assim, esse padrão imposto pra

mim, foi por criação mesmo. No sentido de que assim, eu não tinha voz dentro da minha casa, a última palavra sempre era da minha mãe. Então sempre cresci com uma figura autoritária no começo, sabe? Então eu não sentia que eu tinha vontade, que eu precisava obedecer. Então eu sempre fui a obediente. Seguir regras. E isso impactou muito no meu corpo, na minha voz, né? E aí eu entrar pro Teatro foi algo libertador, porque eu podia falar da forma que eu queria, podia fazer o que eu queria, não tinha que acatar... Acatar, né? Entre aspas, ordens. E até hoje eu 'tô nesse processo, né? De desprender desse 'acatar sempre', seguir normas, não poder fazer, ser independente, sabe?

E também... os *bullies* que sofri na escola. Nossa Senhora! Era absurdo! Porque eu tenho... Eu possuo adenomas sebáceos no meu rosto, né, que são pequenas bolinhas assim, que compõem aqui o meu rostinho. E aí eu aprendi a detestá-las, assim, a odiá-las, porque as pessoas achavam estranho, as crianças, principalmente, estranhavam. Então aquilo era um bullying horrível, então isso me silenciou, eu sentia que eu não tinha voz na escola por conta disso, e em casa por conta da rigorosidade, né, que vinha muito da minha mãe, né, que é a forma que ela foi criada e a forma que ela achou queia ser boa pra me criar, né? Então eu não culpo não. Mas impactou, porque aí eu cresci sentindo que eu não tinha voz. E aí eu entro pro Teatro e descubro que eu tenho voz sim, que ela é potente, que ela fala, que ela grita, que ela esgoela, que ela usa gíria, que ela fala palavrão, e fala muito palavrão.

Sabe, assim, e que eu posso falar do jeito que eu sentir vontade, eu posso... Não preciso ter medo de falar o que eu quero, de expressar o que eu sinto. E aí também... Ah, me vestir, né? Sempre perguntei opinião (Risos). 'Ah, isso fica bom? Ai, tá curto? Ai, não sei o quê?' E aí a mãe também falando: 'Ai, isso é muito feio. Ai, veste isso, veste aquilo', e a maioria das roupas que a minha mãe escolhia pra eu vestir, eu achava horrorosas, mas aí eu vestia, porque ela mandou. E aí hoje, eu trabalhando, ganhando dinheiro, podendo comprar as minhas roupas, vestir o que eu quero, foda-se se 'tá' curto, se 'tá' feio, se 'tá' jeca, é o meu estilo! Eu quero me expressar desse jeito!

E aí vem a questão da sexualidade. Eu hoje, sabe, me identifico como uma mulher lésbica, e eu demorei muito tempo pra me aceitar nesse lugar, que eu falando isso, eu me sinto bem. Aí quando eu era pequena, eu ainda não, eu não entendia muito bem o que era, o que eu sentia. É claro, eu nunca... Meninos assim, já... Pra mim nunca foram interessantes. Analisando a minha vida, né? Achava que eles eram, porque me falavam que era o certo. Né? E aí às vezes por uma... Querendo me encaixar ali num padrão, não querendo fugir muito ali, aí eu começava... Comecei a dizer que eu era bissexual, porque internamente eu não queria fugir ali do padrão, 'Não, eu gosto de mulher, mas eu gosto de homem também, tá?', tipo assim, sabe, não querendo fugir ali daquele padrão.

3.11 Conclusões e as perguntas respondidas por mim mesma, Letícia

Antes de mais nada, a ideia aqui não é apontar falas como certas, erradas, e nem vilanizar alguma das meninas por algum pensamento que elas expuseram. A ideia é mostrar como as percepções podem ser diferentes. Da feminilidade e da masculinidade também Sem julgamentos, apenas falar o que se sente. Porque por mais que às vezes a gente se engane em relação a esses conceitos, eles não foram colocados ali por acaso. É uma sociedade que calcula milimetricamente como impor certas coisas a nós desde crianças, para que a gente siga num fluxo eterno e inquestionável de padrões.

Então 'pra' finalizar, 'pra' concluir o que as meninas, minhas amigas falaram das experiências delas como mulheres e atrizes, eu entendo tudo o que elas disseram e valido o que elas sentem em relação a esse tema, mas...

A questão da menstruação, acho importante dizer que... É algo muito relacionado ao feminino, ao 'ser mulher', mas existem mulheres de idade avançada, que seja pela menopausa... Ou também mulheres que tiveram que passar por uma histerectomia, que é a remoção do útero, né, que não menstruam. E isso não as torna menos mulheres. E também a questão de homens trans que menstruam, que não passaram por essa retirada do útero, e isso também não os torna menos homens. É... Temos também mulheres trans, que nunca passaram, nem vão passar pela experiência da menstruação por... Uma questão biológica... Mas isso não quer dizer nada, mais uma vez, assim como...

Se a gente for parar 'pra' pensar nos seios, né, quantas mulheres que passam por uma mastectomia, em decorrência de um câncer e... Acabam se sentindo menos mulheres por não ter uma parte do corpo e isso é um absurdo. Eu lembro da minha infância, eu tinha... Nos meus 7 anos, a minha tia... Teve câncer e eu cuidava dela nos últimos meses de vida dela, e ela sempre tinha vergonha de trocar de roupa na minha frente, de tirar o lenço da cabeça, porque ela já não tinha mais cabelo. E... E ela tinha muito medo de que eu me assustasse, perdesse o sono à noite, porque eu era uma criança e talvez aquilo fosse muito pesado 'pra' eu ver. Mas hoje eu entendo que talvez fosse um complexo, é... Por ser uma mulher sem seios e sem cabelo.

Mas ela era muito feminina do jeito dela. Ela não deixou de ser uma mulher por causa desses acontecimentos. Acho realmente que ser mulher 'tá' muito além da... Da nossa estrutura biológica, de ter cabelo ou não... Do que a gente externaliza. Embora externalizar também seja importante.

Dito isso, na minha infância... É... Acho que... Já começa quando a gente nasce, né? As nossas mães, os nossos pais furam as nossas orelhas, colocam brincos 'pra' gente se diferenciar dos meninos quando a gente é bebê e criança, porque o nosso corpo é muito parecido. Mas... Eu acho que isso é uma forma de violência, inclusive. A questão dos brincos. Que é uma invasão muito grande. Bom, a questão das roupas, a questão do jeito que as pessoas tratam a gente também, como as minhas amigas disseram. Porque... São..

Existem cores que são determinadas 'pra' gente desde criança: rosa 'pras' meninas e azul 'pros' meninos, como já dizia a Damares³. É... Assim como as flores, as estampas, é... Os formatos das roupas, o tamanho das roupas. 'Pra' gente é mais justo, 'pra' gente... Eu lembro, eu lembro muito de usar tiara na cabeça, que minha mãe colocava, e me apertava muito, no final do dia eu sentia dor, pressionava muito minha cabeça. Então eu acho que esse olhar das pessoas, o jeito de me vestir, aqueles sapatos que me machucavam, que... Que faziam meus pés sangrarem no final do dia também. É... Uma questão do mercado, do capitalismo, implicada nessas narrativas de gênero.

³ Comentário realizado no vídeo, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XneG8mC5CGo>

E essa questão da educação sempre voltada ‘pra’ delicadeza, ‘pra’ servir, ‘pra’... Ser emocional, ser sempre tida como uma pessoa emocional. E acho que atualmente a mesma coisa, assim... Eu me sinto pouco levada a sério, é... Já ouvi do meu pai que eu seria ótima (risos)...Uma ótima esposa. Mas que eu não me sobressairia profissionalmente... Isso pesa muito. É...Acho que bem esse olhar de... Qualquer coisa que eu faça, toda vez que eu me rebelo, eu sou tida como uma pessoa movida por hormônio, devo ‘tá’ na TPM, eu devo... ‘Tá’ menstruada, e... Acho que ainda me diferencia dos homens é... São os preconceitos da sociedade, tem... Entre mulheres e homens, de que a gente tem que ser de tal forma, quando a gente não é, a gente é muito questionada... E é isso.

‘Pra’ mim, que mais me faz sentir mulher, acho que... A minha relação com a minha sexualidade. Como eu me sinto durante o sexo. Como eu me permito tocar e ser tocada pela outra pessoa, minha relação com meu corpo e com a minha sexualidade mesmo. É... Me sinto em comunhão com meu corpo, me sinto bem quando eu ‘tô’... Nua, quando eu ‘tô’ com... Comalguém sexualmente. Quando...Quando eu olho ‘pra’ mim, sabe? Apesar de a insegurança com o meu físico, às vezes, ser algo marcante, eu me sinto muito bem com o meu corpo, com a minha personalidade, como que me conecta ao feminino, é... Pensando nos estereótipos mesmo, sabe? A questão de ser uma pessoa sensível, a questão de... Chorar, ser alguém que chora com muita frequência. Às vezes sem um motivo aparente.

O que mais me faz sentir mulher é curiosamente o que mais me faz sentir um ser humano. Eu acho que quando a gente é mulher, a gente tem mais permissão ‘pra’ ter contato com as nossas humanidades, ao contrário dos homens, que são privados do sentir, do falhar, do... De coisas assim.

Enquanto mulher e atriz, eu conto um pouco mais embaixo na minha parte... Autobiográfica. Então acho que eu vou deixar isso ‘pra’ depois, mas já sofri várias violências por ser mulher, acho que... São gotinhas... Nada homeopáticas de violência por ser mulher todos os dias.

Mas vou citar algo aqui, semana... Numa dessas semanas que eu ‘tava’ distribuindo panfleto na Rondon. ‘Pra’ ganhar um dinheirinho extra, é... Eu ‘tava’ caminhando até o local de trabalho, um pedreiro... Mexeu comigo, não sei o que ele falou exatamente. Mas eu virei ‘pra’ ele, fiz questão de fazer algumas perguntas, se ele ‘tava’ falando comigo, por que ele ‘tava’ falando comigo, se ele me conhecia. Aí ele ficou sem reação.

Mas... Posso me lembrar de alguns episódios, até mesmo ‘pra’ ter aula particular quando eu estudava no Ensino Médio. É... Eu tinha problemas em Matemática, Física, Química, sempre tive, e... Numa dessas aulas particular... (Pigarro). Numa dessas aulas particulares, fiquei sozinha com o professor em casa, a esposa dele tinha saído. E ele me fez perguntas muito indiscretas, se eu era virgem, se eu tinha namorado.

E outro professor particular começou a me mandar mensagens pelo *Facebook*. É... Na época eu... Eu via aquilo de um jeito até meio inocente, mas ele 'tava' me chamando 'pra' sair, falou que me respeitava muito, mas que gostaria de me levar 'pra' dar uma volta de moto, tomar um açaí... Que se eu quisesse eu poderia levar meu irmão junto, pra eu me sentir mais, é... À vontade. Esse tipo de conversa que parece ser muito educada, muito respeitosa às vezes, mas que também são problemáticas, né?

E... Eu poderia listar muitas, muitas formas de violência. Muitas formas de abuso verbal, psicológico, físico, sexual, é... Vou citar alguns, mas não estou preparada para falar de outros. No Teatro, é... Quando eu coloq... Eu escrevi a seguinte... Da seguinte forma, essa pergunta: 'E no Teatro, você já se sentiu assediada de alguma forma?' Com a palavra 'assediada', eu quis dizer abusada de todas as formas, sabe? É... Menosprezada, humilhada... Por ser mulher, dentro do Teatro.

Dito isso, eu já senti algumas, alguns questionamentos problemáticos, mas que eu não considero maldosos, porque vieram de amigos. Não vieram em contexto de espetáculo, ensaio, mas de convivência mesmo. Eles são especificamente a respeito da minha sexualidade.

Dois ou três amigos já vieram me perguntar se eu era... 'Ativa' por conta do meu corte de cabelo, na época eu tinha o cabelo curtinho. Ou quando eu entrei, eu tinha o cabelo comprido, 'tava' sempre maquiada nas festas da... Do curso. E eu ouvi de um outro amigo perguntando... 'Ah, você deve ser bissexual, você é muito menininha pra ser só lésbica', ou algo assim. E... Esse tipo de estereótipo do 'ser ativa' ou 'passiva' sexualmente. Eu entendo as visões deles. (Pigarro). Vem de acordo com ensinamentos, seja da família ou da sociedade em si, mas é... Não deixa de ser um preconceito, né?

Mas a minha pouca experiência com Teatro, porque eu comecei a ter mais contato, mais vínculo com o Teatro depois que eu entrei na faculdade, antes não era uma realidade muito densa 'pra' mim, a não ser na Igreja, na minha infância, que eu... Cantava e participava de apresentações da Igreja, aquelas apresentações esporádicas na escola também.

Mas eu tive sorte na minha graduação. Os professores têm muita sensibilidade comigo, muito respeito com o meu corpo, com o meu tempo, porque às vezes eu tenho muita 'trava' em fazer certas atividades, é... Ainda sofro de uma timidez, de uma insegurança, sabe? Artisticamente. Mas eu me sinto respeitada, contemplada, ninguém vincula isso a ser mulher, o que me ajuda bastante.

Então eu sinto que tive grandes avanços na minha trajetória enquanto atriz e mulher dentro do Teatro, porque... Porque eu tive esse respeito. Eu aprendi inclusive a pular corda no Teatro. (Risos). Não tive isso na minha infância, mas aprendi a pular corda no Teatro. Assim como a me soltar um pouco mais, olhar mais 'pra'... 'Pras' minhas inseguranças e questões pessoais. Mas essas questões de... Do corpo, do

jeito que eu externalizo a minha... O meu 'eu', ser questionado nesse sentido da sexualidade, me incomodaram bastante.

Além do que acho que toda mulher deve ouvir com certa frequência, quando usa um pouco menos de roupa em cena, que é o famoso 'Nossa, seu corpo é lindo, seu corpo é perfeito, que corpão.'

Se tem uma coisa que o Teatro... Me ajuda... É com certeza a desconstruir preconceitos de gênero. O tempo todo, todas as aulas, é... Eu me sinto vista como mulher, apesar de nem sempre eu performar feminilidade absoluta. Seja nas aulas, nas festas, com os meus/minhas amigas/amigos, é... Ali tem uma diversidade enorme de corpos e de jeitos de performar gênero. É incrível.

Tem pessoas de todas as formas, de todas as cores. Tem gente cis, trans, lésbica, gay, bissexual, transexual, é... Já tinha falado, né? Tem pessoas pretas e pardas, pessoas brancas, mulheres, homens, não-binários... Tem muita gente que me ensina muito todos os dias só de 'tá' ali. E... Toda vez que a gente tem uma oportunidade de falar sobre diversidades, a gente faz. Seja nos debates de aula, nas rodas de conversa, seja nas apresentações, nas peças, a gentedá um jeito de ser inclusivo, todas as vezes. Eu acho isso incrível.

Dentro do Teatro a minha relação com meu corpo é a mais prazerosa, respeitosa e gostosa possível. Mas fora nem sempre foi assim. Quando se é mulher, o nosso corpo, ele é... A gente é ensinada que o corpo é como uma flor, que você deve cuidar todos os dias 'pra' que não murche. E o que faz murchar, geralmente é engordar, envelhecer ou ter relações sexuais antes do casamento... Com mais de um parceiro... Então o que eu sinto é que eu cuidei muito bem do meu hímen por um tempo, por exemplo. A minha virgindade era sagrada, enquanto a dos homens é... Quanto mais cedo eles perdessem, melhor.

Mas... Fui ensinada a reprimir minha sexualidade, a odiar meu corpo, a me comportar da maneira mais dócil possível e a me vestir sempre de uma forma infantilizada. Às vezes nem tanto eu aprendi isso pela minha mãe, pelo meu pai, com ensinamentos diretos. Mas existe a televisão. E eu via que as mulheres de respeito, as mulheres que eram amadas, se comportavam dessa forma.

Fui religiosa, frequentei a Igreja Católica até os meus 14, 15 anos. Passei pelo Batismo, pela Primeira Comunhão, pela Crisma. Cogitei muito me tornar Irmã da Caridade, por causa da minha sexualidade. É... Eu não via a possibilidade de ser uma pessoa livre, assumida e feliz na minha adultez, então a... Eu cogitei bastante me tornar irmã um dia.

Mas hoje eu me considero agnóstica. Eu não consigo ter vínculo com religião alguma. E já aceitei isso em mim, porque antes eu me cobrava muito 'pra' entrar numa caixinha de... Falar não, eu sou católica, sou espírita, sou da Umbanda. Eu simpatizo muito com a Umbanda, mas acho que é preciso muito estudo e dedicação 'pra' me dizer de alguma religião. Mas... Por exemplo, eu... Eu não posso me dizer

de nenhuma igreja, porque tem muita coisa que eu não concordo em todas elas, embora também tenha muita coisa que faz com que eu me identifique um pouquinho com muitas delas. A questão da homossexualidade na Igreja Católica, nas igrejas evangélicas, que geralmente a... É algo muito punível, muito deplorável... Eu não posso concordar com uma igreja que tem esses preceitos e justifica intolerância com Deus.

E recentemente eu fui ao Centro Espírita algumas vezes, ganhei aquele livro, o 'Evangelho segundo o Espiritismo'. E 'tava' abrindo todos os dias em páginas aleatórias, buscando uma mensagem de conforto e paz 'pra' eu ler. Funciona muito bem. Tem muitas passagens bonitas e potentes em todos esses livros que são a base de cada religião. Mas numa dessas vezes que eu abri aleatoriamente... É... Eu vi uma passagem que dizia que os indígenas são espíritos semi-evoluídos, e que portanto precisam de espíritos mais evoluídos 'pra' ensiná-los. 'Pra' mim se isso não é colonização... O que é, né?

Então a Igreja, ela continua reproduzindo preconceitos. No meio de tantas passagens bonitas, a gente vê uma falando que indígenas são povos atrasados, que precisam ser colonizados. Falam isso de um jeito bonito, camuflado ali, mas é exatamente isso que eles quiseram dizer e disseram.

Os ensinamentos religiosos, eles... Eles reverberam no meu corpo da seguinte forma: toda vez que eu me privo de ter contato sexual com alguém, porque eu sinto culpa, porque eu sinto vergonha e acho que é errado, que eu devo me guardar de certa forma 'pra' alguém que eu ame, por mais que eu não me case com essa pessoa. 'Pra' mim, é... O sexo é algo muito restrito

Sobre ser uma mulher que se relaciona com outras mulheres, com certeza isso altera a percepção do outro em relação à nossa feminilidade. Eu falei, né, dos meus amigos, dos comentários que eles fizeram, das perguntas, mas é muita coisa. É... A questão do fetiche também.

Uma vez eu fui me despedir da minha ex-namorada, que 'tava' indo 'pro' trabalho, a gente 'tava' no *shopping* e eu dei um beijinho nela de despedida. Ouvi um pai falar 'pro' filho: 'Você viu que sexy?' Como se... A nossa sexualidade, por mais que ela não inclua homens, ela fosse de alguma forma 'pra' satisfazer o imaginário deles.

E assim, teve aquelas perguntas, acho que eu sempre... Nunca passei por episódios graves fora da minha casa, de violência... Porque eu sempre tive um certo receio de demonstrar afeto pelas pessoas na rua, mas... Mas com certeza, em casa também, eu sofri muito preconceito. Tive que cortar o vínculo com a minha família e foi muito doloroso, uma época. Mas era questão de saúde mental, questão até de prevenção de coisas maiores.

4. UMA BREVE AUTOBIOGRAFIA – MINHA FAMÍLIA E INFÂNCIA⁴

⁴ Todas as pessoas reais citadas no texto tiveram seus nomes verdadeiros preservados.

Sobre mim, nasci e vivi até os meus 15 anos de idade na cidade de Campina Verde, a 150 km de Uberlândia, onde resido atualmente.

Meus pais eram a perfeita representação dos estereótipos de gênero. Ele, de família abastada, mudou-se para Brasília na juventude, cursou Arquitetura e Urbanismo na UNB, fez mestrado em Engenharia Hidráulica pela USP, e em sua adolescência os médicos detectaram que seu cérebro funcionava além do normal: tem o quociente de inteligência (Q.I.) muito elevado. Aprendeu a ler, a escrever e a dirigir sozinho, ainda criança. Usou calça boca de sino e bigode nos anos 70. Tem muitos livros, poucas roupas e uma coleção de viagens no histórico. Sabe tudo sobre política, História, Sociologia, Matemática, Economia, Geografia... Porém não sabe lidar com o amor. Entende das fórmulas de Física, do funcionamento das tecnologias, mas bem pouco das relações humanas. Desde os meus 2 anos, ele vive sozinho em Brasília e vem nos visitar algumas vezes por mês. Seu jeito de demonstrar afeto é todo material: garantir o sustento da casa, levar para viajar e comer, dar presentes e livros.

Já minha mãe é vaidosa, organizada, sociável, tem muitas habilidades consideradas femininas, como fazer crochê e cozinhar absolutamente qualquer coisa muito bem. Ela trabalhou dos 9 anos aos 50 como professora do “pré”, vendendo joias, pijamas, produtos da Natura, confeitando bolos, e agora é dona de casa. Veio de uma família muito trabalhadora e honesta, que construiu, com os anos, muitas coisas de que se orgulhar: um posto de gasolina, uma fazenda, uma casa grande e bonita, uma vida de luta e conforto. Já foi loira, morena, ruiva, teve o cabelo curto, longo e volumoso como o da Gal Costa. Seu jeito de demonstrar afeto é prestando serviços àqueles que ama: cuidando da casa, cozinhando, assistindo-nos com as adversidades cotidianas, cuidando da nossa saúde. Ela lê bastante e faz *sousplats* nas horas vagas. Por mais de 50 anos, viveu para rezar, trabalhar e cuidar da família. Os momentos de lazer eram raríssimos. É amorosa, dedicada e católica.

E da junção desses dois, vieram meus irmãos e eu, a caçula de três. Minha irmã mais velha, Laura, é saxofonista e analista do TRE. Muito independente, tem sua própria casa, carro, estuda constelações familiares e gosta do trabalho. Meu irmão, José Renato, é sensível, escreve poesia, corrige redações, e faz mil coisas ao mesmo tempo. Ambos fizeram Direito e era o caminho que minha mãe gostaria que eu tivesse trilhado também, antes de eu descobrir o Teatro. Cada um/uma de nós nasceu com 4 anos de diferença um do outro, em anos de Olimpíadas.

Nós três, com nossas paixões e dificuldades, destoávamos dos clichês de gênero em vários aspectos. Laura é séria, racional, disciplinada com o dinheiro e o José, sorridente, alegre, pacífico. E eu não sou uma mulher que se maquia, usa salto e vive impecável na aparência.

Busco me cuidar de outras formas: com a terapia, tratamentos para a pele, asseio com as roupas e o cabelo e a organização do meu quarto, assim como dos meus livros, objetos pessoais e materiais escolares.

Pequena, eu era melancólica, introvertida, lia muito, conversava pouco, e, ouvia constantemente recomendações de como me portar, me relacionar com as pessoas e o que vestir. Usava tiaras que me apertavam a cabeça, blusas de uma manga só, sapatos que me comiam a carne do calcanhar e cores nas quais eu não ficava muito bem. Eram peças desconfortáveis, dolorosas, que me faziam pensar que havia algo de errado comigo por não gostar de usá-las.

Apesar de tantas dores, atuar, ler e cantar eram prazeres que eu mais buscava e sentia desde a mais tenra infância, e sempre me proporcionaram a sensação de pertencimento à minha própria vida. A arte, diferentemente da realidade (que muitas vezes nos ensina por meio da dor), era uma professora generosa que me acolhia, sem se importar com meu gênero, sexo ou idade.

E especialmente ao cantar, minha verdadeira voz se mostrava como é e algo inominável erguia minha postura e autoestima. Eu me transformava – e ainda me transformo - no que sou. A arte para mim, entre tantas coisas, é um importante canal de resignificação e resgate da feminilidade, nas múltiplas e complexas formas que ela pode assumir.

4.1 Minha origem e criação em campina verde

Sobre Campina Verde, essa é uma cidade dominada por latifundiários e a Igreja é um importante componente da sociedade. A maioria da população é católica e as igrejas ficam cheias de gente, e não só aos domingos. E como muitos jovens da minha época, passei pela catequese, pela Primeira Comunhão e pela Crisma. Além do Batismo, é claro. Fui coroinha e cantava os salmos nas missas até me mudar para Uberlândia. Ia à missa quase que diariamente e era amiga das Irmãs da Caridade.

Na escola, era considerada inteligente. Tirava boas notas e era tímida. Eu me dava melhor com os meninos, mas minha mãe vivia na escola para tratar do *bullying* que eu sofria pelas meninas. Apesar disso, a partir dos meus 13 anos me tornei mais sociável e uma aluna terrível. Não ficava quieta em sala de aula, ria o tempo todo, interagia com quem estivesse do meu lado em horas inoportunas e escrevia poemas no meu caderno, em vez das anotações do quadro. Mesmo assim, tinha uma ótima relação com a maioria dos professores: o afeto e admiração por meus educadores não diminuía junto do meu interesse nos estudos.

Na rua em que eu morava, numa esquina havia um prostíbulo e na outra uma casinha decadente em que uma prostituta habitava. Gosto de pensar que cresci entre freiras e putas e

que isso me fez feminista antes mesmo que eu soubesse do que o feminismo se trata.

E essas mulheres eram gentis e representavam muito bem a figura social feminina: se de um lado havia as freiras (puras, castas, distantes do pecado e das maldades do mundo, cujas vidas foram entregues a um deus que se fez homem), do outro, as prostitutas, luxuriosas, cheias de pecado, indignas do amor de um homem e do respeito da sociedade. Mesmo com vivências tão distintas, elas tinham ao menos duas características em comum: vidas de sacrifício e visões pessoais restritas sobre elas. Isso além da renúncia aos seus nomes de identidade. Irmã Melinda, era, na verdade, Cidinha, e aquela minha vizinha, conhecida por um apelido grosseiro que não vale a pena mencionar, confidenciou a mim, e só a mim, de toda a vizinhança, seu nome de batismo. Cá para nós, seu nome pode ser Simone ou Sílvia. Talvez Janete.

Pois bem, se as irmãs não eram consideradas mulheres pela idade ou pelo ofício, as meretrizes também não o eram pelos hábitos de fumar, beber, e ter relações sexuais fora do casamento. Mas então o que elas eram? E o que eu sou por ter qualidades semelhantes a esses dois grupos de mulheres?

Eu, pequena, não gostava de brincar de boneca. Preferia montar casas e prédios com tijolinhos de madeira, ter carrinhos, correr com as galinhas, ficar descalça e me sujar. Meu irmão e eu usávamos sandálias iguais, e as meninas da minha sala diziam que meu sapato era de menino. Eu me identificava tanto com os meninos, que comecei a achar que tinha nascido no corpo errado. Brincava com a espuma de barbear do meu pai, fingia ter barba, imitava meu avô vestindo suas roupas e andando de bengala e lamentava ter nascido mulher, pois as roupas eram desconfortáveis e eu não podia me sentir atraída por minhas colegas.

4.2 O amor romântico e eu

O amor romântico sempre permeou meu imaginário como uma esfera indispensável para se alcançar a “felicidade”. Ele vinha antes de qualquer outra coisa: de uma carreira bem-sucedida, de uma boa relação familiar, de uma vida social agradável e até mesmo de um vínculo saudável comigo mesma. Por isso, a cada vez que eu me frustrava emocionalmente, a dor não se tornava menor conforme a quantidade de experiências e decepções acumuladas.

E desde muito tempo, nas minhas primeiras lembranças, me recordo de sonhar com um “grande amor”, com o inesquecível dia em que conheceria minha “alma gêmea”, e então todas as minhas angústias anteriores desapareceriam como num passe de mágica. Ainda hoje, aos 24 anos de idade, tento me desassociar dessas crenças irreais, mas o machismo segue me

fazendo acreditar que fracassei como mulher por ainda não ter encontrado minha “metade da laranja.”

Criança, eu tinha as horas de correr, brincar e ser engraçada. E eu tinha os momentos de me sentar como uma dama com os adultos, e tentar imitá-los. Além desses dois “eus”, ainda bem pequena, comecei a observar os meninos e meninas da escola e da igreja, e comecei a pensar nos conceitos de amor e sexo. O amor, um jogo, no qual se passava de nível. Quanto mais se ascendia no amor, mais válido e romântico ele se tornava. Os filhos, eram o último grau do romantismo. Sem casamento, o final dos mocinhos não era tão feliz assim. Os sonhos dois pais para os filhos era o êxito profissional; para as filhas era arranjar um bom casamento. Já o sexo, era nudez, carícias e absoluto segredo: não se podia falar sobre ele.

Foi muito doloroso quando me apaixonei pela primeira vez. Digamos que ela se chamava Mariana. Eu tinha 6 anos, e estava na primeira série do Ensino Fundamental. Início de mais um ano letivo, alunos novos. No primeiro dia de aula, fiz uma nova amiga. Antes eu tinha a Júlia, e agora teria a Mariana também. As duas falavam baixinho. O que as duas não tinham em comum era meu olhar sobre elas: havia algo de brilhante e novo no meu olhar toda vez que eu via a Mariana. Ela era bem miudinha, mais do que eu, o cabelo alguma coisa entre o liso e o cacheado, olhos de uma cor entre o verde e o castanho.

O pai dela era um desses gerentes de banco que está sempre tendo que se transferir de uma cidade a outra, e a mãe era costureira. A casa dela tinha dois andares, e, um terceiro, um terraço liso, com apenas uma caixa d’água ocupando o espaço e um céu interessante quando anoitecia.

Júlia, Mariana e eu andávamos juntas o tempo todo na escola. Treinávamos leitura em voz alta no pátio e fazíamos apresentações na igreja. Geralmente eu cantava enquanto outras crianças levavam cestas com pétalas de flores para jogar em Nossa Senhora e alguém a coroava no final. Na igreja, e especialmente na capela do hospital, eu era vista. Gostava da cantoria, da reza, das pessoas. Mas por outro lado, eu me olhava no espelho e queria ser um menino, para que gostar da Mariana não fosse errado.

Como o pai dela seria transferido de novo no começo de 2007, aquele foi um ano todo com ares de despedida. O desfecho da história: no aniversário de 10 anos dela, eu fui a única convidada da turma, e foi a única vez que ganhei o primeiro pedaço de bolo. Lembro-me que de vez em quando, ela conversava bem perto de mim, como se estivesse contando um segredo muito precioso. Era o jeitinho dela, tímido e íntimo, mas eu me distanciava com discrição. Quando fomos nos despedir, pois ela iria embora no dia seguinte, ela disse à minha avó que nunca conheceria alguém como eu. E foi no bom sentido.

Trocamos cartas por quase um ano e nunca mais nos vimos. Minha paixão, no entanto, durou mais que as correspondências. Não me lembro muito bem do que eu ou ela dizíamos, mas me lembro de ler Mariana se queixando do Carnaval na cidade nova, e que “saudade” era uma palavra lida e escrita constantemente.

Eu, ainda tão criança, pensei nela por alguns anos antes de dormir. Oscilava entre: “Senhor, fazei com que a Mariana se mude de volta pra cá” e “Pai, ajude-me a não ser mais desse jeito, que eu sei que o Senhor não gosta” nas minhas orações. E conforme eu fui crescendo e me esforçando para ser mais parecida com as outras meninas, tive alguns namorados. Um deles, me traiu após perdermos a virgindade juntos, e, quando eu o questionei sobre suas razões, disse: “Porque eu sou homem.” Hoje eu compreendo que, como eu, esse rapaz era vítima de ensinamentos que danificam as relações entre homens e mulheres, mas sei que seria injusto comigo persistir em um namoro com alguém que não me respeitava.

E como uma jovem fortemente influenciada pelos ensinamentos católicos na infância e em parte da minha adolescência, absorvi as passagens bíblicas que falam como o amor e o casamento devem ser feitos. Possuía alta tolerância por comportamentos intoleráveis e desrespeitosos em meus namoros. Acreditava que o amor é difícil, trabalhoso, conflitante e tristonho por natureza. Dizia “sim” para tudo e não desistia com facilidade. Cria que os obstáculos (lê-se ciúme possessivo e abusos psicológicos) eram o puro conteúdo do romance, e que os amores fáceis não valem a pena.

4.3 A odisseia menstrual dos meus 10 anos de idade em diante

É engraçado como “Menarca” e “Monarca” são duas palavras tão próximas e tão distantes ao mesmo tempo. Deve ter mesmo algo de muito nobre na menstruação. E acho que rei é todo aquele que enxerga que não há nada de repugnante nela.

Lembro-me de criança, assistindo à novela das oito, ir à varanda perguntar à minha mãe o que era menstruação. Todos riram sem me contar a resposta. O intervalo da novela acabou, e a mãe da menina que havia menstruado no chuveiro deu uma festa para celebrar o sangue que escorria pelo ralo. Achei esquisito, mas não questionei. Devia ser coisa boa. E pensando dessa maneira, quando chegou minha vez de menstruar, fiquei em paz. Lembrei da menina, da mãe, da festa. A mãe a abraçou e ficou feliz. A menina, diziam, se tornara mulher. A mulher, para mim, continuava menina.

Numa quinta, senti um mal-estar na aula de matemática, e, minha mãe que já andava desconfiada, pediu à professora que me perguntasse se eu havia menstruado. Menti que não.

Que coisa era essa, perguntar o que se passava na minha intimidade. Disse a verdade para minha mãe, que me ensinou muito didaticamente a colocar o absorvente e, dias depois, me levou à ginecologista, se sentou ao meu lado e pediu que ela me explicasse o poder da menstruação.

Não fiz perguntas, não sabia nem por onde começar. Soube que a partir dali, se houvesse relação sexual havia a possibilidade de gravidez. Não sabia o que era o sexo de que ela falava, mas já estava prenhe de dúvidas. Era acanhada demais. E eu achei (durante um mês), com toda a inocência que me foi dada, que nós mulheres só menstruávamos uma vez na vida. Ninguém nunca havia falado sobre esses assuntos comigo antes, mas a minha irmã mais velha diz que eu não devo reclamar, já que recebi muito mais do que ela teve quando tinha minha idade.

É verdade que minha mãe me deu oportunidades e aberturas que meus irmãos não tiveram. Mas os assuntos do corpo e de sexo foram um tabu por muito tempo. Meu fluxo menstrual, por exemplo, é de uma intensidade enorme. Todavia, a única possibilidade de contenção do meu sangue periódico eram os absorventes externos.

Estes ajudavam pouquíssimo e me fizeram passar vários apuros na escola e na rua. Certo dia, no intervalo do colégio, duas meninas me chamaram discretamente para me avisar que minha calça estava manchada de sangue. Uma delas disse que não tinha absorvente na bolsa, e me emprestou sua jaqueta para que eu a colocasse na cintura e pudesse ir em casa me trocar enquanto a aula não começava. Elas não riram, não demonstraram asco ou deboche: apenas uma solidariedade sutil em uma situação perfeitamente normal às meninas de qualquer faixa etária.

Lembro-me da primeira vez que ouvi falar do famoso absorvente interno. Quando perguntei à minha mãe pela primeira vez se não podíamos comprar, ela emudeceu. Da segunda, inventou uma desculpa qualquer. Muitas pessoas acreditavam que um simples absorvente interno desonraria ou violaria a integridade moral de uma mulher, que era possível perder a virgindade com esses pequenos dispositivos, e talvez esse fosse o caso dela.

Eu pensei que talvez esse tipo de absorvente fosse mesmo capaz de proporcionar a experiência do sexo às mulheres, até que finalmente o usei e percebi que a perda da virgindade é uma criação muito cultural, e mora não necessariamente no rompimento do hímen, afinal, esta membrana pode ser desfeita até em contexto de atividades físicas, como andar de bicicleta.

E então minhas angústias ligadas ao meu ciclo menstrual desapareceram. Ali eu percebi que eu poderia utilizar um absorvente que me deixasse confortável ao me levantar, andar, estar com outras pessoas. As crenças de que ninguém deve saber quando estou menstruada me

abandonaram. E com o passar dos anos, as cólicas vieram, meu ciclo se regulou e eu deixei deser aquela menina de dez anos que não entendia o funcionamento de si mesma. Hoje prezo pela minha saúde, prazer e conforto em ser e estar menstruada: não é o momento mais vergonhoso do mês, é um acontecimento comum quase todos e todas que possuem um útero.

4.4 Adolescência, corpo e sexualidade

Nessa época, ouvia de alguns familiares que eu tinha que me depilar como as outras mulheres; que já estava passando da hora de eu usar sutiã, pois meus seios já estavam marcando minha blusa; que mulher tem que se dar o respeito, senão fica “mal falada”; que às gordas não cabe usar roupas justas e decotadas; que a moral da adolescente que engravidou de um homem mais velho e mais rico é questionável, mas a dele não; que mulher de verdade não se divorcia; e que, às vezes, apanhar do marido é perfeitamente justificável. Fui ensinada a ser gentil, asseada, organizada, bela, vaidosa, submissa, meiga, delicada e a viver a serviço dos outros. E não era culpa de ninguém, pois as outras mulheres da minha família também agiam assim, já que era “assim que tinha de ser.”

Em paralelo a isso, devo dizer que nunca fui tão assediada como na minha infância e adolescência antes dos 17 anos. Fosse por desconhecidos na rua ou até por um padre da igreja que eu frequentava, os homens não respeitavam meu corpo. Olhares invasivos de trabalhadores e motoristas no centro da cidade, flertes indesejados de primos mais velhos, assédios insistentes e corriqueiros de amigos da minha irmã, que eram, pelo menos, oito anos mais velhos que eu. Numa festa anual de Campina Verde, que ocorre, geralmente, nos meses de maio ou junho – de 2011, um desses amigos mais velhos insistia muito para que eu o beijasse. Eu tentava dizer educadamente que não queria, mas quando ficamos sozinhos no estacionamento a esperar o restante da turma chegar para irmos embora, ele me agarrou. Senti culpa e vergonha por não ter sido firme o suficiente, mas hoje sei que a palavra “não” significa exatamente o que é, e que não querer soar rude não devia me tornar mais propensa a um abuso dessa gravidade.

E como esse rapaz, já tive outras dezenas de episódios em que meu corpo e vontade não foram ouvidos. Por consequência, demorei a realizar que meu corpo é só meu e que não é uma “moeda de troca” quando eu quiser compensar alguém pelo meu “não.” Conheci uma pessoa que se indignou quando me recusei a ter relações sexuais com ela e outras que me tratavam com o devido respeito apenas antes de conseguir o sexo desejado.

Certa vez, minhas/meus amigas/amigos e eu íamos à festa de formatura do terceiro ano da escola. Desde que cheguei à festa, senti uma energia pesada, algo de estranho no ar. E eu

cheguei a comentar com minha prima, que disse compartilhar desse sentimento comigo.

De repente, parecíamos ser o centro das atenções, todos estavam nos olhando, e não era só impressão. Decidimos ir embora juntas, e pouco depois que cheguei em casa, minha prima me ligou num choro compulsivo, dizendo que fomos filmadas no banheiro, e que a festa inteira tinha visto a bunda dela. Um dos meus/minhas colegas havia gravado tudo pelo celular, sem que nos déssemos conta. Eu não fui tão exposta assim, mas nunca me senti tão humilhada. Nunca assisti o vídeo, mas soube que eu aparecia ajeitando o cabelo no espelho.

Na segunda-feira, numa atitude nada sensível e antiética, a diretora nos chamou em sua sala. As agredidas e o agressor. Ele se disse arrependido, falou que não conseguia dormir ou comer, enquanto nós ficamos desestabilizadas, choramos e nos recusamos a continuar ali para “fazer as pazes e esquecer o acontecido.”

Após esse episódio, a vida dele não mudou nada. Não teve prejuízos na escola, não foi suspenso, expulso, nenhum amigo se afastou dele. No entanto, eu devo ser grata ao apoio da nossa professora de Inglês. Ela passou o horário todo da aula dela, que fora nessa mesma segunda-feira, falando da gravidade de se filmar ou fotografar alguém sem o seu consentimento. Foi a única a tentar nos defender no colégio. E finalizou o discurso voltando o olhar para mim: “O mundo dá voltas, e a vida é muito justa.” Eu nunca tinha ouvido falar em feminismo, mas já entendia muito de machismo.

A partir desse acontecimento, desenvolvi depressão e repeti o ano na escola. Parei de me cuidar, comia obsessivamente e passei a temer o simples ato de ir ao banheiro. Minha autoestima ficou arrasada. Eu me olhava no espelho e me sentia uma aberração, tanto pelo caso do vídeo, como pelas mudanças no meu corpo (as estrias e o peso adquirido) e por minha homossexualidade iminente.

Nesse contexto, dei início a um relacionamento – o mais duradouro que já tive - com uma mulher que falava mal das outras de seu passado, como tantos homens o fazem. Para me elogiar, dizia que eu era “para casar”, “moça de família”, “prendada”. Ou me comparava às outras de seu passado criticando-lhes negativamente. Ela também flertava com as mulheres do trabalho, enquanto que eu acreditava na normalidade desses abusos, pois vi raras mulheres felizes e respeitadas em seus relacionamentos afetivos.

Ali, aprendi que o machismo não é exclusivo dos homens, e que uma mulher sexista é, da mesma forma que um homem machista, uma ameaça para o feminismo e para os homens e mulheres, de modo geral. Em oposição a essa paixão do passado, já conheci muitos homens sensíveis, gentis e proativos nos serviços domésticos. Assim, percebi que para ser feminista não basta ser mulher, o que importa é não perpetuar o machismo. Homens e

mulheres são bem-vindos e igualmente importantes na luta contra o sexismo.

Bem, devo dizer que ter relações sexuais com mulheres não necessariamente significa amá-las. Afinal, quantos homens heterossexuais não agridem suas companheiras? Quantos casais não desfrutam de bons diálogos, mas apenas de convivência e sexo ocasional? Quantas mulheres heterossexuais estão realmente satisfeitas com suas vidas sexuais?

Não é incomum ver mulheres se queixando de que seus parceiros não falam sobre os sentimentos e são muito “fechados.” Da mesma forma, não são poucas as pesquisas que apontam que as mulheres heterossexuais são as mais insatisfeitas com suas vivências de sexualidade: há muitos homens que não se preocupam com as preferências da mulher durante o ato sexual. Pelo contrário, creem que as mulheres têm o dever de agradá-los sem objeções, não importa o quanto nos machuquemos, não queiramos ter sexo, ou nos sintamos constrangidas com determinados fetiches. De qualquer forma, é importante se perguntar o que mais se aprecia nas mulheres além do sexo, e se se estima também a companhia, a conversa, o trabalho, e a arte que produzimos.

E infelizmente, essas violências ocorrem também em relações homoafetivas ou não-monogâmicas. A dominação masculina pode existir até mesmo entre duas mulheres. Reforço: a violência conjugal não é específica de relações heterossexuais, nem de homens contra mulheres. Em todo caso, dominação é o oposto de amor.

4.5 O corpo é uma festa

Anos depois, na faculdade, decidi me aceitar e gostar de mim: a maior revolução feminista possível. Depois de fazer alguns tratamentos e de cogitar gastar 6.000 reais em um procedimento chamado “camuflagem de estrias”, percebi que beleza, feminilidade e autocuidado são conceitos totalmente ressignificáveis e me reinventei. Para isso, o Teatro suporte de minhas/meus colegas foram fundamentais, pois a arte é também o estudo da beleza, e se há tantas maneiras de um quadro, um filme, um espetáculo, uma escultura ou uma canção serem belos, por que o encanto nas mulheres seria algo uno e excepcional?

Apreendi rapidamente que cabe ao corpo feminino muito mais do que ideais de beleza, e que cada estrutura física, com suas medidas, linhas de expressão, rugas, cicatrizes e peculiaridades deve ser apreciada e respeitada, afinal, toda matéria conta uma história. Além disso, sei que meu corpo é só meu e que sou eu quem deve amá-lo acima de tudo. E que seja indigno do meu abraço todo aquele que rejeita a minha carne.

Isso se reverberou na minha postura e na minha voz. Como já havia dito na introdução

desta monografia, eu me fiz minha própria revolução. Deixei de andar cabisbaixa, ergui o olhar ao caminhar, adotei meu tom médio para conversar, comecei a olhar nos olhos, a dizer “não” quando era preciso dizê-lo e a me colocar em igualdade com as outras pessoas da mesma faixa etária que eu. E eu devo isso, parcialmente, a duas personagens: Débora (uma prostituta, filha de Seu Noronha em “Os Sete Gatinhos”, de Nelson Rodrigues)⁵ e o Sapateiro (personagem de Gil Vicente em “Auto da Barca do Inferno”)⁶.

Nesses dois papéis, na busca da corporalidade e vocalidade vivenciadas por Débora e o Sapateiro, saí da minha zona de conforto e precisei me transformar completamente. Como Débora, deixei o sutiã à mostra, exibia o corpo e ocupava mais espaço em cena do que ocupo na vida. Já a interpretar o Sapateiro, projetei meu púbis para frente, me cobri de graxa e aderi a parâmetros vocais diferentes dos meus, isto é, usei de uma voz mais grave e forte do que a que possuo. Saí do meu “eu” cotidiano e conheci uma outra Letícia, cuja dualidade eu não alimentava fora do palco.

E assim um novo mundo se abriu para mim. Um mundo em que o amor-próprio e a reciprocidade eram plausíveis, e gente com interesses, ambições, percepções e estilos de vida saudáveis passaram a fazer parte da minha rotina. Comecei a cuidar do meu corpo por prazer, e não por ódio. Agora, me arrumar para as aulas e eventos sociais constituem momentos de carinho e de zelo comigo mesma. Não há nada em mim que eu mudaria, porque sei que não tenho nada de defeituoso.

No primeiro período da graduação, a Professora Renata Meira pediu que cada um/uma escrevesse e dissesse em voz alta, com uma frase curta ou uma palavra, o que sentiu/apreendeu na aula. A minha frase foi: “Meu corpo não sou eu.” Entendo minha intenção ao escolher essa frase em 2017 – afinal, um corpo não é tudo o que um indivíduo é – todavia ela não me representa mais. Meu corpo é o que me permite ver, ouvir, cheirar, degustar, comunicar, chorar, rir, andar, tocar, amar, e apreciar a arte. É o que me define como humana, viva e dotada de sensibilidade. É ele que produz minha voz, que me enche de alegria ao cantar. É parte de quem sou e a ferramenta para tornar o que é invisível, visível: não é a gaiola da alma.

O Teatro fez com que eu me desculpasse com meu corpo por toda a privação de sono, de alimento e pelo ódio que eu nutria por ele. E a partir dessas mudanças de visão, vieram

⁵ "Os Sete Gatinhos" (escrita em 1958) é uma das conhecidas "Tragédias Cariocas" de Nelson Rodrigues e conta a história da família Noronha e seus segredos obscuros, como a prostituição de quatro das suas integrantes, mascarada por um falso moralismo da personagem de Seu Noronha, o patriarca.

⁶ "O Auto da Barca do Inferno" foi escrita e representada pela primeira vez em 1517. Encomendada pela Rainha Leonor a Gil Vicente, possui um tom satírico e forte crítica social ao falar do autojulgamento de suas personagens, que após a morte, discutem com o Anjo e o Diabo para tentarem subir na Barca da Glória e escapar das chamas do Inferno.

transformações internas imensas. Comecei a celebrar minhas peculiaridades no jeito e na fala, e tudo o que possuo e sou agora é querido e exaltado. Além disso, percebi que mais que um corpo, sou um intelecto, um espírito e tudo que constitui minha personalidade.

Talvez você esteja se perguntando: “O que isso tem a ver com Teatro?” Minha resposta é que o Teatro, assim como toda esfera social e campo do conhecimento, é político. Como toda linguagem artística, ele faz com que os/as espectadores/espectadoras se indaguem e questionem a realidade, e que, quiçá, busquem por mudanças. E o Teatro crítico, responsável e criterioso, se posiciona acerca das disparidades de gênero para além da relação entre ator e público.

Eu tive o privilégio de que esse fosse o meu caso durante a graduação. Nas aulas, ensaios e apresentações, alunos/alunas e professoras/professores auxiliavam na construção de diálogos salutares sobre sexismos impregnados no corpo, voz e mente de cada um/uma.

O Professor Fernando Aleixo, durante as matérias de Corpo-voz I, II, III e IV, me dizia que minha voz era mais vigorosa e grave do que eu demonstrava, e que junto do meu corpo, ocultava a minha real potência, pois me apresentava como alguém que parecia “pedir desculpa ou permissão para existir.” Isso fez tanto sentido para mim, que norteou meu desejo de seguir com as pesquisas sobre a voz. E, mais especificamente, em como ela se dá nas construções de gênero, seja no seio familiar ou na vida em sociedade.

E assim surgiu meu desejo de estudar as questões da construção social da voz: da avidez em questionar onde sou eu mesma (um indivíduo autêntico de ideias independentes), e onde sou apenas uma mulher que foi ensinada a obedecer, a concordar, a aceitar minha sorte de “trabalhadora do lar, subserviente”, que se comporta de uma determinada maneira sem entender direito o porquê.

O que ninguém nos explica, no entanto, é que não somos necessariamente ensinadas em palavras e lições a termos certas condutas tidas como as corretas vindas de uma mulher. As instruções, na maioria das vezes, se dão porque ao sair na rua, as mulheres estão maquiadas e os homens não. Os homens têm mais liberdade para buscar conforto e praticidade em suas vestimentas, mas as mulheres não. E durante muito tempo, aos homens, era permitido se casar depois dos quarenta anos, quando há mais chances de se ter alcançado mais estabilidade financeira e emocional, mas às mulheres não. Entretanto, isso varia conforme a época e a cultura, e, ditosamente, hoje, no mundo ocidental, muitas mulheres se casam e têm filhos mais tarde ou podem escolher não ter filhos sem sofrerem socialmente por causa disso.

E é isso que vemos na sociedade e na mídia o tempo todo. Somos bombardeadas/bombardeados por essas informações em filmes, séries, novelas, jornais,

propagandas e *outdoors*. Logo ao nascermos, temos nossas orelhas furadas por brincos e armários preenchidos por roupinhas floridas em tons de rosa, vestidos, grandes e incômodos laços para as cabeças. Vestimos o machismo, alimentando-o até que se torne uma certeza e uma extensão da nossa consciência.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser mulher e falar em alto e bom tom - sem hesitações ou gagueiras, o que se quer, é poderoso. Temos vozes para que nossas vontades sejam expressas e para que saibam que existimos, resistimos e persistimos na luta por nossos direitos. E aqui não falo só do direito ao voto, ao aborto, a empregos com salários iguais aos dos homens, mas do direito de se ter uma voz, que sirva mais do que para cantar e proferir palavras de ternura aos nossos maridos e filhos. Uma voz que diga “não” quando esse for seu desejo, uma voz que diga do que gosta de explorar na sexualidade, uma voz que se manifeste contra os abusos recorrentes em nossos trabalhos. Vozes que se façam ser ouvidas, não importa quantas vezes seja preciso repetir, que estamos aqui, mesmo depois de tantas conquistas, tendo nossos corpos violados e vozes silenciadas.

Ao sermos ofendidas e atacadas, passamos por tantos xingamentos que se referem unicamente à nossa sexualidade e aos nossos corpos. O hímen ainda é um item valioso da feminilidade dita como saudável. Em várias culturas, o clitóris deve ser removido das mulheres. Doenças como a anorexia e a bulimia ainda são tidas como elegantes males que acometem as mulheres. A sentença “Nunca se é magra o suficiente” ainda é a realidade das capas de revistas. As mães solas ainda são tidas como falhas sociais. A sociedade, em pleno século XXI, nos tem como bruxas, quando escolhemos a liberdade. Contudo, essa mesma sociedade terá de nos “engolir”, com nossos verdadeiros timbres, essências, aspirações e com o que quer que estejamos vestidas: ser mulher é um ato político de que nós não abdicaremos. Nenhuma de nós será totalmente livre até que todas sejamos livres. (BARKAY, 2016).

Há uma vida além dos cuidados com a aparência e ânsia por viver um grande amor para nós mulheres. A beleza e o romantismo são só algumas das nossas potencialidades, quando o são. Temos cérebros e não só corações. Queremos nos divertir e não só cuidar dos nossos lares. Temos ambições maiores que casamentos sólidos e filhos. Também podemos nos interessar por política, *videogames*, futebol e carros. Nós não viemos da costela de um homem, eles é que vieram dos nossos úteros. As bruxas eram mulheres que não se permitiam ser escravas mentais da Igreja e do conservadorismo da Idade Média. “Lugar de mulher” é qualquer lugar

que nós queiramos ocupar.

Por fim, uma mensagem de bell hooks:

O feminismo, como movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão, está vivo e passa bem. Se não temos um movimento fundamentado na massa, a renovação desse movimento é nossa meta prioritária. Para assegurar a relevância contínua do movimento feminista em nossa vida, a teoria feminista visionária deve ser constantemente elaborada e reelaborada, de maneira que se relacione a nós, onde vivemos, em nosso presente. Mulheres e homens já deram grandes passos na direção da igualdade de gênero. E esses passos em direção a liberdade devem nos dar força para seguir mais adiante. Devemos ter coragem para aprender com o passado e trabalhar por um futuro em que princípios feministas serão o suporte para todos os aspectos da nossa vida pública e privada. As políticas feministas têm por objetivo acabar com a dominação e nos libertar para que sejamos quem somos – para viver a vida em um lugar onde amamos a justiça, onde podemos viver em paz. O feminismo é para todo mundo. (HOOKS, 2018, P. 167)

Que sigamos na luta pelo fim do patriarcado e para que cada vez mais vozes femininas retumbem – sem a suavidade esperada – em todas as esferas sociais. Com insistência e dedicação haverá um horizonte em que para ser mulher, bastará apenas que a resposta para a pergunta “Você se identifica como mulher?” seja “Sim”, e independente do sexo biológico que possuímos, das nossas vestimentas, portes, pesos e estaturas. O empoderamento feminino, embora uma questão do coletivo, começa primeiro do lado de dentro. E fora, poro por poro, pelo por pelo, em votos de lealdade e amor eternos a esta matéria que representa a vida em si, e não apenas o que nos dá acesso a ela: o corpo é bem mais que um invólucro da nossa essência, como os cartesianos acreditam.

E eu anseio por um mundo onde digamos aos nossos corpos, tal qual num casamento, sempre que retornarmos ao antigo movimento de ódio aos espelhos e balanças: “Eu prometo te ser fiel, amar-te e respeitar-te por todos os dias de minha vida até que a morte nos separe.” Para que vivamos – na medida realista do possível - num conto de fadas em que o amor-próprio resultará no final mais esperado e genuinamente feliz de todos os outros imagináveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARKAY, Rafaela. Nenhuma mulher será livre até que todas as mulheres sejam livres: um olhar sobre o conflito israelense-palestino sob o prisma feminista. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 16, n. 35, p. 53-70, abr. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2016000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 out. 2021.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Editora: Nova Fronteira; 1ª edição (1 outubro 2008).

BODART, Cristiano das Neves. O que é coerção social? *IN: Blog Café com Sociologia*. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/o-que-e-coercao-social/>. Acesso em 10 out. 2021

BUTLER, Judith. **Sobre o Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. 21ª Edição. Editora: Civilização Brasileira; 2003.

CARNE DOCE. **Falo**. São Paulo: Gravadora: Red Bull Studios, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HE0SI04ylsE>. Acesso em 01 out. 2021.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras**. 15ª Edição, Editora: Rosa dos Tempos, 2018.

JACOBS, Daiane Dordete Steckert. Corpo Vocal, Gênero e Performance **Rev. Bras. Estud. Presença**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 359-381, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbep/a/kNbkVHhshxMrDSjjRcD8Kd/?lang=pt>. Acesso em 01 out. 2021.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**, 17ª edição. Editora: Rosa dos Tempos, 2018.